



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CLAUDINEI SEVERNINI

**AS REPRESENTAÇÕES CRISTÃ E ASTECA DE
QUETZALCOATL A PARTIR DA OBRA HISTORIA GENERAL
DE LAS COSAS DE NUEVA ESPAÑA DE BERNARDINO DE
SAHAGUN**

Londrina
2012

CLAUDINEI SEVERNINI

**AS REPRESENTAÇÕES CRISTÃ E ASTECA DE
QUETZALCOATL A PARTIR DA OBRA HISTORIA GENERAL
DE LAS COSAS DE NUEVA ESPAÑA DE BERNARDINO DE
SAHAGUN.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de História da
Universidade Estadual de Londrina.

Orientadora: Prof. Dra. Sonia Maria
Sperandio Lopes Adum

Londrina
2012

CLAUDINEI SEVERNINI

**AS REPRESENTAÇÕES CRISTÃ E ASTECA DE
QUETZALCOATL A PARTIR DA OBRA HISTORIA GENERAL
DE LAS COSAS DE NUEVA ESPAÑA DE BERNARDINO DE
SAHAGUN.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de História da
Universidade Estadual de Londrina.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Sonia Maria Sperandio Lopes Adum
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dra. Edméia Aparecida Ribeiro
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Marco Antonio Neves Soares
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, ____ de ____ de ____.

Dedico este trabalho a minha mãe,
Laura, a quem além da dedicatória
desta conquista dedico a minha vida, e
aos meus irmãos Antonio, Gilson,
Vânia, Roselaine e Tânia. Obrigado
por confiarem no meu potencial e me
darem todo o apoio necessário para a
conclusão de mais esta etapa.

AGRADECIMENTOS

Seria difícil, em poucas palavras, agradecer a todas as pessoas que fazem parte da minha vida e que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui. Por isso, primeiramente, o meu mais sincero agradecimento a todos.

Agradeço a minha mãe, Laura, mulher de fibra, que apesar de todas as dificuldades enfrentadas, deu-me o que possui de mais valioso, o seu amor incondicional, e mesmo com sua pouca instrução me ensinou o mais importante: a boa educação, o respeito ao ser humano e a ter dignidade para levantar a cada queda e seguir em frente. Obrigado mãe por sonhar comigo este sonho.

A minha família, irmãos e irmãs, cunhados e cunhadas, sobrinhos e sobrinhas, o meu obrigado, por serem, junto com minha mãe, o meu porto seguro e estarem sempre presentes em todos os momentos, dando-me carinho, fé, incentivo, apoio, determinação, esperança e, principalmente, pelo amor de vocês.

Aos amigos que na universidade ganhei e aos que há muito tempo trago em meu coração, muito obrigado pelos momentos de descontração e alegrias, mas também por estarem ao meu lado me apoiando em cada dificuldade, a cada lágrima derramada. Obrigado a todos pela paciência, carinho, amizade e pela certeza de que este não será o fim da nossa amizade, porém o começo de uma longa história entre nós, amigos.

A minha orientadora, Dra. Sonia Maria Sperandio Lopes Adum, meu mais sincero agradecimento por todas as orientações, todo o direcionamento e correções para que eu pudesse fazer o meu melhor neste trabalho, e muito obrigado por não ter desistido de mim, nesta que é a primeira de muitas vitórias. Ela saberá o verdadeiro sentido destas palavras.

A Celina Aparecida Negrão, minha “mãezona” na faculdade, a quem tenho a honra de ter como nome de turma, o meu muito obrigado por toda dedicação para conosco nestes quatro anos e por todo carinho e apoio para comigo nas dificuldades destes últimos semestres.

Aos professores, obrigado por cada contribuição na minha formação através das aulas ministradas e das valiosas conversas e conselhos que fizeram com que eu abrisse o meu olhar a novas perspectivas e pudesse enxergar o ser

humano e a sociedade sem as máscaras que impõe.

E, finalmente, agradeço a Deus, princípio e fim de todas as coisas, pela certeza de que ele esteve comigo, me amparando e me dando forças para seguir em todos os momentos; por me conceder a cada dia o dom da vida e todas as coisas necessárias a minha sobrevivência; por ter posto em meu caminho pessoas maravilhosas como as que acima pude agradecer. Agradeço a Deus, porque através da sua igreja e do Grupo de Oração Amor Fraternal pude vivenciar a sua presença constante em minha vida e encontrar portas abertas onde muitos enxergavam apenas o meu fim.

“Antes de chorar sobre os limites que possui, antes de reclamar de suas inadequações, e fadar o seu destino ao fim, aceita o desafio de pousar os olhos sobre este aparente estado de fraqueza, e ouse acreditar, que mesmo em estradas de pavimentações precárias, há sempre um destino que poderá nos levar ao local onde o sol se põe tão cheio de beleza”.

Fabio de Melo

SEVERNINI, Claudinei. **As representações Cristã e Asteca de Quetzalcoatl a partir da obra *Historia General de las cosas de Nueva España* de Bernardino de Sahagun**. 2012. 58 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

RESUMO

O presente trabalho procurou estudar a civilização Asteca a partir a obra “*Historia general de las cosas de Nueva España*”, produzida pelo cronista espanhol, frei Bernardino de Sahagun. Tal estudo se pautou no viés religioso, especificamente nas representações asteca e cristã de Quetzalcoatl, o que possibilitou uma compreensão da fluidez cultural existente na Mesoamérica, pois a cada apropriação por um novo povo, estes deuses iam sendo resignificados e adquirindo características específicas daquele local, como acontece com Quetzalcoatl que possui inúmeras representações, sem que nenhuma delas agregue em si valores comparativos em relação as demais. Além disto, a análise das representações cristã e asteca permitiu-nos observar que, após diversas tentativas mal sucedidas de “demonizar” tal deus, os cristãos se apropriaram da sua imagem como Rei-Sacerdote de Tulla, afirmando, assim, a existência de uma pré-evangelização na América feita por São Tomás, o que, conseqüentemente, justificaria a conversão imposta aos indígenas pelos cristãos. Desta forma, esta temática contribui para discussões de questões extremamente importantes na atualidade como a diversidade cultural, o multiculturalismo, os vários polos da aculturação (mestiçagens culturais, assimilação, integração, sincretismos, hibridismos entre outros) presentes na América desde muito antes da conquista, além de iluminar as questões de intolerância religiosa e étnica, existentes ainda hoje na sociedade.

Palavras-chave: Astecas. Deuses. Quetzalcoatl. Sahagun. Mesoamérica.

SEVERNINI, Claudinei. **Cristian and Aztec's representations of Quetzalcoatl from the work "Historia General de las cosas de Nueva España" by Bernardino Shagun**. 2012. 58 pages. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

ABSTRACT

This article intended to study the Aztec civilization from the work "Historia general de las cosas de Nueva España", made by the spanish chronicler, Fray Bernardino de Sahagun. Such study is based on the religious view, specifically on the aztec and cristian's representations of Quetzalcoatl, which made the understanding of the cultural fluidity existing in Central America possible, because after each appropriation by a new people, these gods were being reframed and acquiring specific features from that site, as what happened to Quetzalcoatl, that have several representations, none of them gathering comparative values itself in relation to the others. Besides that, the aztec and cristian's representation study allowed us to analyze that, after several unsuccessful attempts to "demonize" this god, the cristians appropriated themselves of his Tulla's King-Priest image, stating with that the existence of a pre-evangelization in America made by Saint Thomas, which would justify the native imposed conversion by the cristians. That way, this theme contributes to today's extremely important discussions such as the cultural diversity, multiculturalism, the several points of acculturation (cultural mixes, assimilation, integration, syncretism's, hybridist, among others) present in America since long before the conquest, besides enlightening the questions about religious and ethnic intolerance, that exists until now in society.

Key words: Aztec. Gods. Quetzalcoatl. Sahagun. Central America.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Quetzalcoatl	43
Figura 2 – Quetzalcoatl fazendo a pulsação.....	49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 COMPREENDENDO A FONTE	16
1.1 A PRODUÇÃO DA OBRA	18
1.2 UMA FONTE E DUAS PERSPECTIVAS	24
2 A SOCIEDADE ASTECA E SEUS DEUSES	28
3 AS REPRESENTAÇÕES DE QUETZALCOATL NA OBRA <i>HISTORIA GENERAL DE LAS COSAS DE NUEVA ESPAÑA</i>	39
CONCLUSÃO	54
REFERÊNCIAS	56

INTRODUÇÃO

Quando nos referimos à História da América, em geral, a primeira imagem que vem à mente é a de Cristovão Colombo chegando a estas terras e proclamando a posse em nome dos reis da Espanha. Como se a história deste continente tivesse seu início somente à partir deste fato, desconsiderando, assim, toda uma complexa estrutura social indígena pré-existente. Se para muitos, os nativos não possuíam uma história própria, o que dizer sobre a sua religião?

Sabe-se muito pouco a respeito da religiosidade pré-colombiana, devido a deficiência que o estudo da América Indígena apresenta. Muitas pessoas percorrem toda a sua trajetória de vida sem possuir um mínimo conhecimento sobre as sociedades ameríndias, pois esta temática esteve, até pouco tempo, ignorada na realidade escolar brasileira e quando trabalhada resumia-se a um simples capítulo que tratava de reproduzir de maneira simplista e pasteurizada características das altas culturas americanas (Maias, Incas e Astecas).

Este desinteresse pelos estudos referentes aos temas de História da América é devido as várias causas, destacando-se dentre elas a forma como estas sociedades foram apresentadas ao mundo, primeiramente pelos conquistadores e depois pelos estudiosos mais recentes. Os europeus, ao chegarem a América, encontraram aqui povos organizados e estruturados de forma extremamente eficiente e eficaz perante as condições geográficas e culturais as quais pertenciam, mas a forma como se estruturavam era estranha à realidade europeia. Com isso os colonizadores, a partir de suas concepções e visões de mundo, passaram a apresentar estas sociedades como povos que não possuíam leis, deus ou rei, povos com características e costumes bárbaros como, por exemplo, a prática do sacrifício humano ou da antropofagia que era praticada por algumas comunidades, ou seja, retiraram algumas características e práticas indígenas do seu contexto, o que não foi difícil para os espanhóis, porque não conheciam nada das culturas nativas, e as utilizaram como justificativa para atacar, conquistar e subjugar estes povos no pós conquista.

Em um segundo momento, a partir das pesquisas que começavam a ser realizadas por historiadores de tradição metódica e, posteriormente, marxista, as sociedades ameríndias passaram a ser vistas como primitivas, pois os metódicos as

procuravam analisar através de documentos oficiais que apresentavam para o estudo do período dados e informações bem próximas as expostas anteriormente quando tratou-se da visão dos colonizadores sobre estas comunidades. Já os marxistas, com o seu determinismo econômico, não conseguiam conceber, devido a ausência de mercado, dinheiro ou setores industriais, o quão avançadas eram as sociedades indígenas em relação a vários aspectos quando comparados com os europeus, não conseguiram enxergar o quão desnecessário eram estes tipos de questões frente à singularidade e a eficácia dos meios de organização, de distribuição e controle presentes nas sociedades indígenas. Todos estes olhares, pouco positivos, contribuíram e influenciaram a relação que se estabelece ainda hoje entre o homem e o passado americano, com este olhar um tanto quanto exótico que a Europa ainda hoje estabelece sobre a América.

Embora estas sejam questões de extrema importância, deve-se sempre ter o cuidado de relativizá-las, pois não há no saber histórico perspectivas homogêneas, exemplo disso são as fortes correntes indigenistas que mesmo com todas as dificuldades do passado e da atualidade exerceram e ainda exercem enorme influência na política, na construção de ideologias e no cotidiano de diversos países como a Bolívia e o Peru.

Embora as primeiras pesquisas apontem para sociedades primitivas sem lei ou religião, relatos do período da conquista nos revelam que nessas sociedades, e em especial na sociedade Asteca, existiu uma pluralidade de deuses e deusas que desvendam a maneira como os índios viviam, sentiam e pensavam. Dentre esta variedade de deuses encontra-se Quetzalcoatl, figura de grande importância histórica e cultural do cenário mesoamericano. Amplamente conhecido sob a égide da serpente emplumada, este se representou também, pelos Astecas, como o Deus Civilizador, Rei-Sacerdote de Tulla, Deus dos Ventos, Criador e Pai dos Homens. Sua figura representa a grande complexidade cultural na qual as sociedades mesoamericanas estavam envoltas pois, segundo a tradição Asteca, Quetzalcoatl teria a qualidade de renascer em todas as épocas, revelando-se em cada uma delas com uma representação modificada e repleta de novos significados, presentes em uma abundância de imagens que revelam a sua presença em toda a Mesoamérica.

Mas, de uma forma concreta, que papel Quetzalcoatl exerceu na sociedade Asteca e que deus era este que levou o rei Montezuma a aceitar

pacificamente a invasão espanhola?

Para Jacques Lafaye “Quetzalcóatl era “el único capaz de colmar el foso histórico que separaba el Nuevo Mundo del Antiguo. Gracias a la profecía de Quetzalcóatl, indios y españoles pensaron que pertenían a una misma historicidad”¹. É a partir deste pensamento que esta pesquisa voltou o seu olhar para o cenário da conquista, com o intuito de repensar, a partir deste momento histórico, as imagens construídas pelos indígenas sobre Quetzalcoatl e as modificações destas representações feitas a partir da perspectiva cristã, buscando compreender como os colonizadores se apropriaram dos atributos deste deus para conseguir se estabelecer enquanto dominadores perante as comunidades nativas que se encontravam naquele momento muito bem organizadas e estruturadas.

Um dos instrumentos mais valiosos para a análise do universo americano pré-colombiano é a obra de Bernardino de Sahagun, *Historia General de las cosas de Nueva España*, devido a riqueza de características trazidas por ele a cerca dos deuses, das crenças, dos rituais, da vida cotidiana, científica e moral dos indígenas e a conquista militar pelos espanhóis, com o intuito de melhorar a eficácia da conversão. Pois, para ele, era necessário conhecer profundamente o universo cultural dos nativos para se alcançar o objetivo maior que era a total conversão.

Assim sendo, a obra do franciscano Sahagun foi concebida para ser uma espécie de manual a ser utilizado pelos missionários que iriam adentrar no universo americano com o intuito de evangelizar e extirpar “o mal” de toda a Nova Espanha.

Ainda que, como espanhol e missionário evangelizador, Sahagun tenha se esforçado para eliminar a antiga religião e os costumes dos mesoamericanos, sua obra possui um valor inigualável para a compreensão das práticas indígenas contra as quais ele tanto lutou.

Com o desenvolvimento desta pesquisa poderemos perceber como os pensamentos e ações indígenas foram, cada vez mais, sofrendo influências externas além de compreender a guerra de imagens que se estabeleceu na América, e que teve como combatentes os Cristãos que buscavam acabar com os

¹ LAFAYE, Jacques. **Quetzalcóatl y Guardalupe**: La formación de la conciencia nacional em México. Tradução de Ida Vitale e Fulgencio López Vidarte. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. 516p. Tradução de: Quetzalcóatl et Guardalupe. La formation de la conscience nationale au Mexique. P. 228 “Quetzalcoatl era o único capaz de preencher o abismo histórico que se separava o Novo Mundo do antigo. Graças a profecia de Quetzalcoatl, índios e espanhóis pensaram que pertenciam a uma mesma historicidade” (tradução nossa)

rituais “demoníacos” dos indígenas e os Astecas que muitas vezes de curvaram e aceitaram as imposições europeias, para que, ainda que discretamente, pudessem manter a vida dos seus deuses e as suas representações do divino.

Para dar conta da temática proposta, este trabalho apresenta-se dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, trataremos do contexto de produção da obra *História general de las cosas de Nueva España* de Bernardino de Sahagun utilizada como fonte primária para a pesquisa, ou seja, analisaremos como a obra foi produzida, por quem e para quem foi elaborada, qual o principal objetivo do autor, as possibilidades de pesquisa permitidas pela fonte, dentre outras questões essenciais para a compreensão da fonte e dos desdobramentos desta pesquisa; no segundo apresentaremos, a partir de uma perspectiva um pouco mais histórica, alguns aspectos da sociedade asteca, local de produção e ao mesmo tempo objeto de estudo da obra, assim como a sua formação, sua forma de organização social e cultural, e o papel central exercido pela religiosidade nesta civilização e, finalmente, no terceiro e último capítulo partiremos para a análise das representações de Quetzalcoatl, a partir da obra de Sahagun, na cultura asteca, em que é representado como deus dos ventos e rei-sacerdote de Tulla, e na cultura cristã, onde tem sua representação resignificada associando-o a São Tomás apóstolo.

1 COMPREENDENDO A FONTE

Para empreender uma análise das representações cristã e asteca sobre Quetzalcoatl na perspectiva de uma única obra, a *Historia General de Las cosas de Nueva España*, produzida pelo religioso espanhol Bernardino de Sahagun, faz-se necessária à compreensão do contexto histórico do seu processo de produção e, principalmente, da sua história “gestacional”, pois foram necessários longos anos para a finalização desta famosa obra.

Este capítulo se dedicará a construir uma compreensão da fonte e legitimá-la reafirmando a autoridade que esta possui para ser fonte de análise e compreensão de dois olhares distintos sobre um mesmo objeto que, neste caso, será a concepção do deus Quetzalcoatl.

Bernardino de Ribeira, nascido na Província de Santiago no ano de 1499, entrou para o convento de Sahagun, sua vila natal, e quando completou os seus treze ou quatorze anos foi para Salamanca onde recebeu as vestimentas da ordem franciscana, a qual pertencia, e passou a utilizar o nome de sua vila natal.

Quando da vinda de Sahagun para as terras americanas, a Espanha enfrentava diversos processos de transformação; a inquisição se instaurava a pleno vapor na Europa e o ambiente religioso espanhol encontrava-se em plena ebulição e mais resistente do que nunca a mudanças, como nos diz León-Portilla²:

“El ambiente en España estaba asimismo, como nunca antes, caldeado en cuanto se refería a la fe y las prácticas religiosas. A las persecuciones en contra de judíos falsos conversos, pronto se sumaron las condenaciones de quienes parecían o eran sospechosos de herejías o de influencia luterana. La Inquisición se mantenía vigilante y activa en la identificación de posibles herejes.”

As transformações religiosas foram além da reforma luterana, um pouco antes já haviam surgido os “iluminados” e logo após vieram o anglicanismo, o calvinismo e diversas outras frentes de resistência à hegemonia católica. Portanto

² LEÓN-PORTILLA, Miguel. El Mundo en que vivió Bernardino de Sahagún: España y México. **Estudios de Cultura Náhuatl**, México, v. 28, p. 324, 1998. Disponível em: < <http://www.historicas.unam.mx/publicaciones/revistas/nahuatl/pdf/ecn28/ecn028.html> > . Acesso em: 20 jun. 2012. “O ambiente na Espanha estava igualmente, como nunca antes, aquecido no que se referia a fé e as práticas religiosas. A perseguição contra os judeus falso-conversos, logo se juntou as condenações de pessoas que pareciam ou eram suspeitas de heresias ou de influências luterana. A Inquisição se mantinha vigilante e ativa na identificação de possíveis hereges.” (tradução nossa)

coube aos religiosos e, neste caso da Civilização Asteca, em especial aos franciscanos colocar em andamento a evangelização na América recém-conquistada pelos espanhóis.

E é com o intuito de combater às “heresias” protestantes, compensar a crescente perda de fiéis, salvar as “pobres almas nativas” do “Novo Mundo” e instaurar o cristianismo que no ano 1529 Sahagun chega a América.

Para a igreja os seus principais objetivos poderiam ser conquistados devido à distância que a América estava das ideias “contaminadoras” que circulavam na Europa e também por aquele local ser uma terra recém-descoberta, sem a corrupção e as malícias do velho continente.

Ao chegar a estas terras o Frei encontrou povos com culturas e padrões sociais, políticos e religiosos extremamente diferentes dos seus e encontrou também um sistema de evangelização precário que fora implantado por Cortez quando da sua conquista do México. Sobre esta evangelização prévia, Santos escreve em sua obra:

“Cortés teria tentado transformar alguns templos mesoamericanos em igrejas cristãs, derrubando os supostos ídolos, ficando cruzeiros e aproveitando os antigos sacerdotes indígenas para cuidar dos artefatos da nova religião. Esse foi o método evangelizador aplicado entre 1519 e 1521; sua abrangência e seus resultados concretos foram insignificantes, embora a exemplaridade dos atos de Cortés, derrubando as imagens das deidades mexicas e colocando em seus lugares imagens da Virgem e da cruz, foi claramente entendida: não se veio coabitar nem sobrepor, mas liquidar e substituir.”³

Sahagun, segundo Santos, quando chegou ao altiplano central do México encontrou uma onda (des)construtiva, em que os espanhóis procuravam destruir tudo o que lembrasse o esplendor da cidade asteca –Tenochtitlán – para construir sobre as suas ruínas uma nova cidade ainda mais grandiosa, uma cidade construída aos moldes europeus.

Mesmo as cidades indígenas não possuindo mais todo o seu antigo esplendor, o franciscano ficou encantado com o pouco que pode ver ainda preservado. Devido a este encantamento com o mundo indígena Bernardino de Sahagun iria abordar outra metodologia de evangelização que iria diferir da empregada por Cortés; o franciscano procurou com o tempo conhecer os aspectos

³ SANTOS, Eduardo Natalino dos. **Deuses do México indígena**: estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas. São Paulo: Palas Athena, 2002. p. 109

mais óbvios e comuns dos astecas debruçando-se com maior dedicação sobre outros para, honradamente, buscar conhecê-los, em poucos anos, de forma mais profunda.

1.1 A PRODUÇÃO DA OBRA

Um dos maiores empecilhos enfrentados por Sahagun quando de sua chegada a América foi a grande diferença linguística, mas para vencer os obstáculos que separavam os dois mundos, os franciscanos iniciaram o aprendizado das línguas indígenas, tornando-se fluentes em *náhuatl*, a língua dos antigos mexicas. Mas a diferença linguística não foi a única dificuldade enfrentada pelos missionários, pois, para eles, constituía-se em um problema a permanência das antigas crenças e cultos mesmo após os batizados e a pretensa conversão dos indígenas.

“Sahagún acreditava que os indígenas aceitavam a fé católica, mas concomitantemente praticavam sua antiga religião. Aos santos, conceitos e rituais cristãos os mesoamericanos associavam sua própria religião, ou seja, permaneciam honrando seus antigos deuses e praticando sua antiga crença ao mesmo tempo em que aceitavam o Deus cristão.”⁴

A partir desta reflexão o franciscano passara a defender abertamente a ideia de que se fazia necessário o aprendizado, por parte dos missionários, dos costumes, práticas culturais e tradições indígenas, pois somente assim seria possível detectar as possíveis resistências e assimilações das antigas crenças dentro do culto cristão e combatê-las com eficácia, porque, segundo sua perspectiva, a eficácia na erradicação das idolatrias exigia o conhecimento das verdadeiras raízes ocultas dentro de suas formas de pensar e agir.

A maioria dos europeus enxergava os nativos como idólatras e a América uma terra cheia de almas a serem conquistadas para o Deus cristão. É este o principal intuito, o de salvar as almas perdidas do novo continente, que levou

⁴ ALVIN, Marcia Helena. Um franciscano no Novo Mundo: frei Bernardino de Sahagún e sua Historia General de las cosas de Nueva España. **Estudios Ibero-Americanos**, PUCRS, v. XXXI, n. 1 p. 54, Junho 2005. Disponível em: <revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/1325/1030> . Acesso em: 14 out. 2011.

Sahagun a começar a produzir a sua obra intitulada *Historia General de Las Cosas de Nueva España* como se vê na introdução da obra.

“(...) á mí me fué mandado por santa obediencia a mi prelado mayor, que escribiese en lengua mexicana lo que me pareciese ser útil para la doctrina, cultura y manutenencia (ó sea mantenimiento) de la cristiandad de estos naturales de ésta Nueva España, y para ayuda de lós obreros y ministros que lós doctrinan.”⁵

Embora o próprio Sahagun revele a sua intenção principal para a produção desta obra, é perceptível em seu texto que este não era o único intuito do franciscano ou que este objetivo foi se modificando com o decorrer da produção, porque León-Portilla irá escrever que “Con el paso del tiempo Sahagun se interesó directamente, y por ella misma en la cultura indígena”⁶ ou seja, se vê na obra uma grande preocupação em apresentar, aos futuros leitores, também os aspectos positivos da sociedade asteca, além de descrever os mais diversos aspectos da natureza e de outros fatores que pouco interferiam na questão da fé transformando Sahagun em um pioneiro da antropologia.

Por este motivo a obra de Sahagun iria abranger um grande leque de assuntos como a religião, os costumes, as crenças, as idolatrias, o modo de vida mexicano, a natureza e seria produzida de forma a descrever a maior quantidade de detalhes possíveis sobre cada aspecto, já que a princípio esta estava sendo concebida como um manual para ser seguido pelos novos missionários que chegariam à América a fim de obter o sucesso nas suas atuações como evangelizadores.

Sahagun planejou a sua *Historia General de Las Cosas de Nueva España* a partir de um roteiro que regeu toda a parte estrutural de acordo com Santos⁷ as suas estruturas estavam pautadas por seus objetivos missionários o que certamente influenciou na escolha das deidades a serem analisadas e descritas.

⁵ SAHAGUN, Bernardino de. **Historia general de las cosas de Nueva España**. Mexico: 1829 “(...) a mim me foi mandado pela santa obediência a meu prelado maior, que escrevesse em língua mexicana o que me parecesse ser útil para a doutrina, cultura e manutenção (ou seja conservação) da cristandade nestes naturais desta Nova Espanha, e para ajudar os operários e ministros que os doutrinam.” (tradução nossa)

⁶ LEÓN-PORTILLA, Miguel. Bernardino de Sahagún: Pionero de la antropología. **Arqueología Mexicana**, México, v. VI, n. 36, p. 8-13, Mar-Abr.1999. “Com o passar do tempo Sahagun se interessou diretamente, e por si mesmo na cultura indígena” (tradução nossa)

⁷ SANTOS, Eduardo Natalino dos. **Deuses do México indígena**: estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas. São Paulo: Palas Athena, 2002. p. 123

Reunindo informantes nativos, muitos deles seus ex-alunos no colégio de Santa Cruz⁸, o missionário dava início as perguntas de seu questionário. As entrevistas eram detalhadamente anotadas por seus ajudantes trilingues, versados em *nahuatl*, espanhol e latim, e valorizavam, na maioria das vezes, os depoimentos e as evidências indígenas em detrimento do conhecimento bíblico e da tradição da igreja que Sahagun trazia consigo. Embora em seus escritos sejam privilegiadas as informações indígenas, estes são classificados em sua obra através de uma suposta ordem hierárquica – divindade, homem e natureza – que privilegia os assuntos de acordo com a sua fé, ou seja, Deus acima de todas as coisas, na sequência vem o homem, criatura divina, e por último a natureza. O próprio franciscano descreve seu procedimento para a obtenção das informações que necessitava:

“En el dicho pueblo, hice juntar todos los principales con el señor del pueblo (...). habiéndolos juntado, propúseles lo que pretendia hacer, y pedíles me diessen persona hábiles y esperientadas con quien pudiese platicar, y me supiesen dar razon de lo que les preguntase (...). outro dia vinieron el señor con los principales, y hecho un muy solemne parlamento, como ellos entonces lo solian hacer, que así lo usaban, señaláronme hasta diez ó doce principales ancianos, y dijéronme que com aquellos podia comunicar, y que ellos me darian razon de todo lo que les preguntase. Estaban tambien allí hasta cuatro latinos á los cuales yo poços anos antes habia enseñado la gramática en el colégio de Santa Cruz en el Tlatelolco. Con estos principales y gramáticos tambien principales, platicué muchos dias cerca de dos años (siguiendo la orden de la minuta que yo tenía hecha).”⁹

⁸ Fundado em 1536 em Tlatelolco, no México, o Colégio de Santa Cruz foi a primeira escola de ensino europeu nas Américas. Incentivados por Antonio de Mendoza, vice-rei, e Juan de Zumárraga, bispo no México, os franciscanos constroem o Santa Cruz sobre o sitio de uma escola asteca (em *nahuatl*: Calmecac). Aproveitando parte da estrutura educativa mexicana que formavam os filhos das classes superiores, os franciscanos selecionaram para o colégio de Santa Cruz alunos dentre as famílias de maior prestígio da classe dirigente asteca com o propósito de formar homens capazes de ocupar cargos importantes no sistema administrativo castelhano e educar um sacerdócio indígena. Eles foram ensinados em *nahuatl*, espanhol e latim além de aprenderem ofícios como a iluminação, encadernação e arte europeia. Entre os professores destacaram-se Andrés de Olmos, Alonso de Molina e de Bernardino Sahagun, os quais fizeram contribuições importantes para o estudo tanto da língua Nahuatl quanto da etnografia e antropologia da Mesoamérica. Também Fray Juan de Torquemada atuou como professor e administrador do Colégio.

⁹ SAHAGUN, Bernardino de. **Historia general de las cosas de Nueva España**. Mexico: 1829, p. IV. “Entre o dito povo, fiz juntar os nobres com senhor do povo (...) havendo-os juntado propus-lhes o que pretendia fazer, e pedi-lhes que indicassem pessoas hábeis e experientes com quem eu pudesse praticar, e me soubessem responder o que lhes perguntasse (...) outro dia vieram o senhor com os nobres, e feito um grande e solene parlamento, como eles então costumavam fazer, pois assim o usavam, indicaram-me dez ou doze nobres anciãos, e disseram-me que com aqueles poderia me comunicar, e que eles me dariam respostas para tudo o que os perguntasse. Estavam também ali quatro latinos aos quais eu poucos anos antes havia ensinado a gramática no colégio de Santa Cruz

Bernardino de Sahagun planejava a sua obra finalizada em três colunas: na primeira, o texto *nahuatl* que havia sido recolhido dos informantes, na segunda, a versão em castelhano e na terceira uma exegese dos vocábulos utilizados e as suas formas de utilização, buscando estabelecer as supostas equivalências entre o *nahuatl* e o castelhano. O plano inicial do autor sofreu diversas transformações resultando na exclusão da terceira coluna e no maior destaque conferido ao texto em espanhol em detrimento daquele escrito em língua nativa.

Apesar de ter sua obra patrocinada pela ordem franciscana, Sahagun começou a adquirir sérios inimigos na sociedade que se formava no México, pois o principal interesse desta era a apropriação dos bens (terra) e a exploração da mão de obra indígena, mas também dentro de sua própria ordem religiosa. Alguns freis franciscanos afirmavam que os grandes gastos com a produção da obra de Sahagun iam contra os votos feitos pela ordem e contra a vivência da pobreza proposta pelo seu fundador, Francisco de Assis, como projeto de vida, conforme o próprio autor nos escreve:

“A algunos de los definidores les pareció que era contra la pobreza gastar dineros en escribirse aquellas escrituras, y así mandaron al autor que despidiese á los escribanos, y que él solo escribiese en ellas, el cual como era mayor de setenta años, y por temblor de la mano no pudo escribir nada, ni se pudo alcanzar dispensación de este mandamiento, y así estuvieron las escrituras sin hacer nada en ellas más de cinco años.”¹⁰

Como se vê, frei Bernardino de Sahagun teve de submeter seus escritos a um grupo de sensores que autorizaram a continuidade da obra desde que o missionário trabalhasse sozinho. Indiretamente esta exigência foi a responsável pela pausa na produção do manual missionário, porque Frei Bernardino reconhecia a sua dependência dos gramáticos, pois se encontrava impossibilitado de exercer tamanha façanha devido à idade já adiantada.

“[...] o próprio Sahagun reconhecia sua dependência dos gramáticos colegiais para traduzir qualquer texto *nahuatl* e fazer as versões finais de seus sermões. Sua grafia não era

em Tlaltelolco. Com estes nobres e gramáticos também nobres, pratiquei muitos dias cerca de dois anos (seguindo a ordem da ata que eu teria feito).” (tradução nossa)

¹⁰ Idem p. VI “A alguns dos que decidiriam lhes pareceu que era contra a pobreza gastar dinheiro para escrever aquela obra, e assim mandaram que o autor despedisse os que escreviam, e que ele próprio as escrevesse, ao qual como era maior de setenta anos, e pelo tremor das mãos não pude escrever nada, nem pude conseguir dispensa deste trabalho, e assim estiveram a obra sem fazer nada nelas por maias de cinco anos” (tradução nossa)

firme e parece que muito pouco dos escritos em nahuatl são do seu próprio punho, abundando sim as anotações, adições e comentários, além, é claro, da versão em espanhol que atesta o seu domínio daquele idioma.”¹¹

É neste momento que começou a ganhar força no Novo Mundo uma nova vertente na qual a preocupação principal seria a de hispanizar os nativos destruindo tudo o que os lembrasse da antiga ordem, buscando criar nas novas terras uma nova Espanha em que o cristianismo pudesse também se impor. A partir daí, o que se chamou no começo deste capítulo de história gestacional da obra começou a se complicar, pois neste período frei Alonso de Escalona assumiu o cargo de provincial seráfico¹² da ordem franciscana no México e paralisou, de forma oficial, a continuidade da obra de Bernardino. Acredita-se que Escalona era um dos freis que compartilhava da ideia de que Sahagun empregava muito dinheiro e de forma desnecessária em sua obra, portanto, sob o pretexto de fazer julgar o trabalho sahutiano por pessoas consideradas sabias, Escalona espalhou os manuscritos de Frei Bernardino por toda a província e cortou-lhe as verbas afirmando que poderia continuar a obra sozinho.

Estas mudanças vieram no contexto das resoluções do Concilio de Trento e também da chegada e implantação da Companhia de Jesus e do Tribunal do Santo Ofício em terras americanas.

Com o seu trabalho paralisado, Sahagun enviou para a Espanha, através dos freis Geronimo de Mendieta e Miguel Navarro, o sumário da sua obra para que estes intercedessem por ela junto ao rei, principalmente, pela falta de apoio material. Em 1573 Navarro retornou da Espanha investido da autoridade de Comissário Geral retirando, assim, todo o impedimento imposto pelo provincial Escalona.

A obra, fonte de análise deste trabalho, é finalizada apresentando a versão original com duas colunas, uma escrita em *nahuatl* e outra em castelhano,

¹¹ SANTOS, Eduardo Natalino dos. **Deuses do México indígena**: estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas. São Paulo: Palas Athena, 2002. p. 128

¹² Provincial era o frei que possuía a posição de superior principal dos franciscanos na América e tinha como principal função, visitar os religiosos, impulsioná-los na missão além de estabelecer os limites da evangelização e as correções para os que necessitassem. O provincial seráfico devia obediência ao superior geral da ordem e ao bispo do México. O termo seráfico utilizado pela Ordem Franciscana foi agregado ao termo provincial para lembrar a experiência que Francisco de Assis teve com o Serafim alado em forma de crucificado, que lhe incorporou os estigmas de Jesus Cristo, no qual está a base de todo pensamento franciscano.

além de estar dividida em três volumes (Tomos) que somados correspondem a um total de doze livros, que conforme a versão utilizada são assim dispostos:

- Libro I: En que se trata de los dioses que adoraban los naturales de esta tierra, que es la Nueva España.
- Libro II: Que trata de las fiestas y sacrificios con que estos naturales honraban a sus dioses en tiempo de su infidelidad.
- Libro III: Del principio que tuvieron los dioses.
- Libro IV: De la astrología judiciaria o arte adivinatoria mexicana.
- Libro V: Que trata de los agüeros y pronósticos, que estos naturales tomaban de alguna aves, animales y sabandijas para adivinar las cosas futuras.
- Libro VI: De la Retórica y Filosofía moral y Teología de la gente mexicana, donde hay cosas muy delicadas tocantes a las virtudes morales.
- Libro VII: Que trata de la Astrología Natural, que alcanzaron estos naturales de esta Nueva España.
- Libro VIII: De los reyes y Señores, y de la manera que tenían en sus elecciones, y en el Gobierno de sus Reinos
- Libro IX: De los Mercaderes y Oficiales de oro, piedras preciosas y plumas ricas
- Libro X: De la general historia de los vicios y virtudes así espirituales como corporales, de toda manera de personas.
- Libro XI: De las propiedades de los animales, aves, peces, yerbas, flores, metales, piedras y colores.
- Libro XII: Que trata de la conquista de México.

Com estes doze livros Sahagun procurou, de forma sistemática, reproduzir tudo aquilo que via através das práticas sociais ou encontrava na natureza, mas, principalmente, buscava relatar tudo o que ouvia nos depoimentos indígenas, sua principal fonte de informações.

Em 1576 seus inimigos conseguiram convencer o Vice-Rei de que Bernardino de Sahagun deveria enviar todas as suas obras para a Espanha. O missionário cumpriu, em partes, as normas que lhe foram impostas, pois os textos enviados por ele a Espanha eram apenas cópias de seus originais. Tal manobra do autor não foi o suficiente por muito tempo já que logo em sequência as versões

originais tiveram de ser entregues ao Conselho das Índias que confiscou todo o seu material sem as devidas justificativas.

Mesmo sem o seu material original e as suas anotações e entrevistas, e correndo o risco de ser pego e julgado pelo Tribunal Inquisitorial da América por acusação de crime eclesiástico, Sahagun começou a ordenar e a recompor vários fragmentos textuais para fornecer armas aos combatentes da idolatria que ainda resistiam, mas não eram reconhecidas por seus irmãos religiosos. Foram os manuscritos deste período, produzidos com a ajuda de informantes e de alunos indígenas de *Tlatolco* que contribuíram com Sahagun às escondidas, que chegaram a Toulouse e que deram origens às edições modernas da obra.

A obra, por ter sofrido tantas sansões e ter sido produzida de forma ilegal, do ponto de vista eclesiástico daquele período, acabou por perder-se na história e sua redescoberta se deu em momento posterior a Independência do México, em uma conjuntura em que surgiu a necessidade de construção de uma história nacional que legitimasse um status de grandiosidade da nação.

1.2 UMA FONTE E DUAS PERSPECTIVAS

A dúvida que se estabeleceu sobre este trabalho foi com relação à possibilidade de análise das representações asteca e cristã de Quetzacoatl a partir de uma única fonte que seria a obra produzida por Sahagun. Em um primeiro momento soa estranha a ideia de analisar uma representação indígena a partir da escrita de um espanhol, mas após uma leitura atenta da fonte e de uma análise das suas estruturas e divisões este estranhamento desaparece.

Idealizada para ser um manual de identificação das permanências idólatras, a obra de Sahagun foi formulada com o auxílio dos nativos para descrever em todos os detalhes e com o máximo de precisão, para que não houvesse enganos e nem omissões no combate pela profunda conversão travado todos os dias pelos missionários.

Ainda que, como espanhol e missionário evangelizador, Sahagun tenha se esforçado para eliminar a antiga religião e os costumes dos mesoamericanos, sua obra possui um valor inigualável para a compreensão das práticas indígenas contra as quais ele tanto lutou. Pela riqueza como ele descreve os detalhes das sociedades mesoamericanas, esta obra de Bernardino de Sahagun

é considerada uma das principais fontes para o estudo da América pré-colombiana, ainda que esta tenha sido produzida alguns anos após a conquista da América.

Sahagun procurou ser o mais realista possível, porque considerava necessário conhecer profundamente as sociedades nativas para alcançar o pleno objetivo inicial. Tornou-se uma fonte “confiável” e inesgotável para o estudo da antiguidade ameríndia, superando muitas vezes os próprios relatos indígenas que, frequentemente, os floreavam para alcançar um engrandecimento ainda maior da sua cultura, neste caso em especial, a cultura Asteca. É importante perceber que embora a obra de Sahagun tenha esta diferenciação dos relatos nativos de buscar narrar a realidade sem floreá-la, sempre foi considerada uma obra bem indígena e, por isso, ficou conhecida como Códice Florentino:

“Si bien es cierto que el orden que regía los temas abordados se escribía en la más pura tradición occidental, que bien corresponde a la profunda formación humanista del autor, la información contenida en la obra provenía de la tradición indígena prehispánica, conservada por todos aquellos viejos informantes que se prestaron a responder los cuestionarios que, bajo la discreta vigilancia del franciscano, les aplicaron los antiguos colegiales de tlaxelolco.

En este sentido, la obra sahutiana puede muy bien inscribirse entre las obras historiográficas de tradición indígena, pois aunque elaborada en su versión final por un fraile europeo, lo cierto es que se constituyó en un medio, incuestionablemente eficaz, a través del cual ha hablado desde entonces la más pura tradición indígena.’¹³

Porém, ao se trabalhar com este tipo de fonte, fazem-se necessarias algumas precauções, pois obras como a de Bernardino de Sahagun, embora procurem ser fidedignas aos relatos colhidos entre os indígenas, nem sempre o mito narrado coincide com os acontecimentos históricos. Entretanto, tal incompatibilidade entre os fatos não diminui o valor da obra ou sua veracidade, ao contrário, torna-a ainda mais rica em possibilidades de pesquisa, porque viabiliza o estudo da visão dos espanhóis sobre o passado indígena, o estudo da história indígena e da

¹³ GALVÁN, José Rubén Romero. Historia general de las cosas de Nueva España. **Arqueología Mexicana**, México, v. VI, n. 36, p. 8-13, Mar-Abr.1999. “Se é bem certo que a ordem que regia os assuntos abordados se escrevia na mais pura tradição ocidental, que corresponde bem a profunda formação humanista do autor, as informações contidas na obra provinham da tradição indígena pre-hispanica, conservada por aqueles velhos informantes que se dispuseram a responder aos questionarios que, sob a discreta supervisão do franciscano, lhes aplicaram os antigos estudantes de tlaxelolco. Neste sentido, a obra sahutiana pode muito bem inscrever-se entre as obras historiograficas de tradição indígena, pois ainda que elaborada em sua versão final por um europeu, o certo é que se constituiu em um meio, inquestionavelmente eficaz, através do qual nos tem chegado desde então a mais pura tradição indígena.” (tradução nossa)

veracidade desta história construída, muitas vezes, via mitos pelos indígenas para legitimar o presente através da “construção” de um passado glorioso. Neste caso, o da história pelos mitos, a questão da veracidade, em si, carece de importância, pois como afirma Florescano¹⁴, a verdade é baseada na aceitação coletiva, portanto toda verdade é uma crença social; é uma visão, dentre várias, de um mesmo objeto. Santos também dirá que:

“Vale lembrar que esse tipo de construção não invalida o caráter histórico desses relatos, pois a narrativa de fatos em si não faz parte de nenhuma tradição histórica conhecida. A seleção, a reformulação e a inserção dos fatos passados em uma estrutura é algo que faz parte do universo narrativo de qualquer cultura. O importante é que se busque entender quais são os marcos referenciais e os objetivos com os quais um determinado grupo humano molda sua memória e sua visão de história, pois assim poderemos entender porque tais fatos são selecionados e narrados de tal modo.”¹⁵

A representação Cristã, por sua vez, é perceptível de forma mais acentuada nas notas de rodapés, nos prólogos e colocações existentes ao fim de cada capítulo. Portanto, a dualidade das vozes asteca e cristã, é claramente percebida na obra de Sahagun, *Historia General de las cosas de Nueva España*, quando comparado o teor dos capítulos, em que há a predominância da voz indígena, ainda que aí também se encontre vestígios da fala cristã, com estas seções pós capítulos de predominância da voz cristã.

Tomando o primeiro livro como exemplo no qual Sahagun, após cumprir a sua obrigação referente aos objetivos da obra, falou sobre os deuses que eram adorados pelos nativos da Meso-América e apresentou a divindade intitulada Quetzalcoatl afirmando-o como o “*dios de los vientos*”, aquele que varria os caminhos para que viesse a chover. Neste trecho, o autor limita-se a citá-lo como deus das chuvas e a descrever suas vestimentas, enfeites e pinturas:

“Los atavios con que lo aderezaban eran los siguientes: una mitra en la cabeza con un penacho de plumas, que llaman quetzalli [...] la cara tenia teñida de negro y todo el cuerpo [...] tenia un collar de oro, de que colgaban unos caracolutos mariscos preciosos.”¹⁶

¹⁴ FLORESCANO, Enrique. **Mito y história en la memoria mexicana**. Discurso proferido em 18 de julho de 1989 na Academia Mexicana de História.

¹⁵ SANTOS, Eduardo Natalino dos. **Deuses do México indígena: estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas**. São Paulo: Palas Athena, 2002. p. 72

¹⁶ SAHAGÚN, Fray Bernardino. **Historia general de las cosas de Nueva España**, 1829. p.4 “Os adornos com que o preparavam eram os seguintes: uma mitra na cabeça, com um penacho de

Sahagun terminou este trecho de sua obra destinado a Quetzalcoatl afirmando que “*era este el gran sacerdote del templo*”. Vê-se aqui duas características presentes no pensamento do autor e que se faz extremamente necessário conhecê-las para compreender o papel atribuído por Sahagun a este deus na sociedade asteca e o porquê dele ser apresentado desta forma na obra.

A primeira característica é a dificuldade que este missionário franciscano tinha de pensar separadamente em Quetzalcoatl como homem e como deus; para ele a figura divina escondia-se atrás de alguma façanha do homem e isso o fazia ser adorado como deus, seria a ideia da idolatria influenciando o pensamento e a análise do autor. A segunda característica é a necessidade que o autor possui de narrar todos os mínimos detalhes de identificação de cada deus ou culto pagão para poder encontrar as possíveis resistências dos antigos rituais.

Logo após o missionário mostrar o que entendia como a visão asteca sobre Quetzalcoatl, ele colocou, em separado, a sua reprovação moral sobre o que foi escrito, a partir do olhar indígena sobre a divindade. No caso do livro 1, em que está contida a descrição registrada acima, o autor faz a evocação dos capítulos 13 e 14 do livro bíblico da sabedoria que fez sérias reprovações às práticas idolátricas, reprovações que Sahagun evocou para desvalorizar e demonizar os deuses nativos e as práticas ainda sobreviventes de culto a estas divindades.

É esta dualidade presente em toda a obra de forma bem demarcada entre a representação asteca que define Quetzalcoatl como deus dos ventos, senhor e sacerdote de Tulla, divindade dentre as mais importantes do panteão asteca e a representação cristã que busca “demonizá-lo”, mostrá-lo como um deus sem compaixão, que exige sacrifícios ao invés de se sacrificar por seu povo e, numa extremada tentativa de conversão, associa Quetzalcoatl a São Tomás para que as antigas práticas se acabem de uma vez o que legitima a obra como a única fonte de análise desta pesquisa e é a partir desta dualidade de vozes, indígenas e franciscanas, que este trabalho analisou as representações cristã e asteca de Quetzalcoatl a partir da obra *História General de las cosas de Nueva Españã* de Bernardino de Sahagun.

plumas, que chamam quetzalli: [...] tinha a cara manchada de negro e todo o corpo [...]tinha um colar de ouro, em que pendurava bonitos caracóis marinhos.” (tradução nossa)

2 A SOCIEDADE ASTECA E SEUS DEUSES

Fundada em 856 por seu rei e sacerdote Quetzalcoatl, a cidade de Tulla ficou amplamente conhecida pelo avançado desenvolvimento político, cultural e religioso que alcançou em comparação com as demais cidades contemporâneas a ela, passando a ser considerada como grande modelo urbano-civilizacional, pois Tulla com as suas construções monumentais, planejamento urbano e organização social, reuniu condições suficientes para expandir seus domínios por boa parte da região.

“os relatos e anais mesoamericanos afirmam que Tula, capital dos novos domínios toltecas, (...) e que Topiltzin-Quetzalcoatl, rei-sacerdote que teria governado em meados do Século X, trouxe os vários dons sociais, como as casas de jejuns e cultos, os templos redondos, os auto-sacrifícios e as artes e ofícios em geral. Quetzalcoatl teria feito com que Tula e os toltecas se tornassem os herdeiros da cultura de Teotihuacan e conquistassem os domínios que abrangiam grande parte da região.”¹⁷

De acordo com Florescano¹⁸, os textos nahuas apresentam Tulla como a quinta essência da civilização e da abundância, uma cidade grandiosa, organizada pelo sistema quadrante na qual estava localizado o suntuoso templo de Quetzalcoatl.

“[...] o chamado templo de Quezalcóatl, composto por quatro santuários dispostos na direção dos rumos do universo: um estava voltado para o oriente, era de ouro, e chamavam-no aposento ou casa dourada, porque no lugar do caiado tinha ouro em placas sutilmente encravado; o outro aposento voltava-se para o poente, e era chamado de aposento de esmeraldas e turquesas, porque tinha por dentro pedrarias finas de todo o tipo, colocadas e juntadas no lugar do caiado, como obra de mosaico, que era de grande admiração; o outro aposento voltava-se para o meio dia, chamado sul, o qual era coberto de diversas conchas marinhas, e no lugar do caiado tinha prata, e as conchas de que estavam feitas as paredes estavam tão sutilmente postas que não pareciam as juntas entre elas; e o quarto aposento estava para o norte e era muito adornado com pedras coloridas, jaspes e conchas.”¹⁹

¹⁷ SANTOS, Eduardo Natalino dos. **Deuses do México indígena**: estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas. São Paulo: Palas Athena, 2002. p. 65

¹⁸ FLORESCANO, Enrique. **Mito y história en la memoria mexicana**. Discurso proferido em 18 de julho de 1989 na Academia Mexicana de História.

¹⁹ Apud, Sahagun

Florescano²⁰ continuará dizendo que esta criação mítica de Tulla foi uma das construções mais duradouras dentre os mitos mesoamericanos. Com sua “auréola” mágica, a representação criada, de origem da sabedoria e das artes, da sua abundância agrícola e da metrópole santa do deus civilizador permaneceram e influenciaram de forma determinante o pensamento histórico e a própria construção histórica dos astecas e sua futura capital Tenochtitlan.

Segundo a historiografia sobre a mesoamérica²¹, com a queda de sua capital Tulla em 1168, os toltecas²² iniciaram uma dispersão pelo território mesoamericano provocando um período de fragmentação política através do surgimento de várias novas cidades com autonomias de governo. Este foi também um período marcado pelas constantes atividades guerreiras entre as cidades, que visavam conquistar a supremacia e se constituir em uma nova Tulla enquanto centro político e cultural.

Pelo final do século XIII começou a surgir novos centros urbanos formados pela junção dos toltecas dispersos com outros povos mais antigos na Mesoamérica e embora estes também tivessem tentado, nenhum deles conseguiu a hegemonia necessária para acabar com os permanentes conflitos.

Além destas fusões mesoamericanas, havia também os povos chichimecas²³, dentre eles os Astecas, que teriam migrado da região setentrional

²⁰ FLORESCANO, Enrique. **Mito y história en la memoria mexicana**. Discurso proferido em 18 de julho de 1989 na Academia Mexicana de História.

²¹ Região definida pelas características comuns entre os povos habitantes na região central da América, que os ligavam em uma grande família cultural e histórica. Sua delimitação espacial se dava não pelas suas demarcações geográficas mas pelo uso comum da cõa (bastão de madeira usado para no plantio), o cultivo do milho como base da alimentação, a produção do pulque (bebida alcoólica produzida pelos indígenas), além das práticas de sacrifícios humanos com finalidades religiosas, do jogo de pelota, do cultivo do cacau e da construção de pirâmides escalonadas dentre outros.

Como nos alerta Santos em sua obra **Deuses do México Indígena**, vale lembrar que as fronteiras culturais que delimitavam a Mesoamérica em tempos pré-hispânicos e coloniais, não coincidem com as fronteiras dos atuais países que dela participavam como no caso do México que não tinha todo o seu território atual contemplado, a Mesoamérica não abrangia o norte mexicano e avançava sob os países do sul como Belize, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Costa Rica e El Salvador.

²² Habitantes da cidade de Tulla, os toltecas são apresentados pelos textos nahuas como a própria expressão da sabedoria: são especialistas no conhecimento das plantas, ciências, religião e dos livros pictográficos além de serem famosamente conhecidos por suas artes em arquiteturas, esculturas, pintura, plumaria, tecelagem e música.

²³ O termo chichimeca era o nome dado pelos mexicas a um conjunto de povos que habitavam no centro e ao norte da mesoamérica e pertenciam a um mesmo tronco étnico e lingüístico. Na região norte, atualmente chamada Aridomérica, habitavam os grupos que viviam de forma semi-nomades, sobrevivendo da caça e da coleta de alimentos não cultivados. Tais povos foram posteriormente

para a Mesoamérica e também disputavam os espaços ocupados pelos antigos toltecas.

No ano de 1111, os astecas saem de sua terra de origem, Aztlan, e migram para a Mesoamérica instalando-se em Chicomoztoc, local das sete cavernas, onde se reuniu com outros seis grupos: xoximilcas, chalcas, tlaxcaltecas, tepanecas, tlalhuicas e acolhuas com quem permaneceram unidos até a chegada do grupo a Coatlicamac, local onde por ordem do deus Huitzilopochtli os mexicas deveriam se separar dos demais. Segundo Santos²⁴, foi a partir deste contato com a deidade que ocorreu o primeiro sacrifício humano e a adoção do arco e flecha por parte dos mexicas²⁵. Entretanto o período de nomadismo dos astecas permaneceu até 1325 quando fundaram Tenochtitlán.

Durante o período em que nenhuma cidade conseguiu se sobrepor as demais, vencendo-as nas batalhas, a busca por alianças que legitimassem estas cidades como herdeiras de Tulla se tornou um dos grandes objetivos, pois ser herdeiro de Tulla significava ser o detentor de toda a glória, conhecimento e cultura que a ascendência tolteca proporcionaria. Sobre esta busca pela origem tolteca Santos aponta:

“Esses novos centros iniciaram uma nova etapa cultural mesoamericana, marcada (...) pela busca de alianças e casamentos com os descendentes dos antigos toltecas, herdeiros do sangue e da tradição do rei-sacerdote Quetzalcoatl”²⁶

Antes de chegarem ao Lago Texcoco, onde fundariam Tenochtitlán, os astecas instalaram-se ainda em Coatepec, passaram por vários anos de peregrinação no altiplano central em que tiveram de se “civilizar” conforme os padrões das culturas mesoamericanas. Em 1280 se estabeleceram em Chapultepec ou Cerro dos Grilos, de onde foram expulsos pelos tepanecas em 1299, e de lá partiram para o seu último destino migratório, a futura Tenochtitlán.

denominados pelos espanhóis como chichimecas, como forma pejorativa de chama-los de “bárbaros” enquanto que, os povos sedentarizados na mesoamérica foram perdendo tal denominação.

²⁴ SANTOS, Eduardo Natalino dos. **Deuses do México indígena**: estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas. São Paulo: Palas Athena, 2002. p. 71

²⁵ Por ordem de Huitzilopochtli, os astecas adotam ao chegar a Coatlicamac o nome *mexitin*, que depois se transformou em *mexica*, termo que foi erroneamente compreendido pelos espanhóis como Mexico, nomeando assim a atual cidade do México. O termo *mexitin* ou *mexica* portanto é um termo de origem divina para denominar o grupo dos astecas escolhido para fundar Tenochtitlán.

²⁶ SANTOS, Eduardo Natalino dos. **Deuses do México indígena**: estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas. São Paulo: Palas Athena, 2002. p. 73

Florescano, em seu discurso proferido na Academia Mexicana de História, revelou sua crítica e seu alerta no trato das fontes nativas e dos cronistas espanhóis, pois a história que se encontra na maioria dessas narrativas são construções mexicas, que procuraram transformar a fundação de Tenochtitlan em uma imagem carregada de símbolos e prestígios.

“O mais provável é que sob os governos de Itzcóatl Moctezuma (,,,) começara a reescrita radical do passado asteca, cujas últimas versões herdamos de seus descendentes e dos cronistas e frades espanhóis a quem estes as contaram. Nas versões a peregrinação deixa de ser uma busca angustiada de um espaço em territórios hostis e se converte no acontecimento edificante de um povo predestinado, no qual cada etapa está marcada por acontecimentos propícios, ou nefastos, que adquirem o sentido de signos de um itinerário privilegiado, que finalmente conduz o povo escolhido à terra prometida, ao lugar onde a nação dos mexicas será rica e forte e se converterá na maior de todas.”²⁷

De acordo com Santos²⁸, o Lago Texcoco foi escolhido não somente pela sua localização espacial, mas também porque suas condições geográficas coincidiam com as características indicadas por Huitzilopochtli “a águia sobre o nopal que crescia sobre uma pedra”²⁹ além do local possuir características aproximadas as de sua terra de origem, Aztlan, uma ilha no meio do lago. Florescano³⁰ foi além ao dizer que a busca em fazer de Tenochtitlan um local equivalente a sua terra de origem seria o mesmo que afirmar que o México era uma terra já possuída pelos astecas e que, por efeito da migração cíclica, voltaram a recuperar.

Até 1428, quando elegeram o soberano Itzcoatl, os astecas tributavam aos tepanecas, contudo estes não aceitando e reconhecendo a escolha do soberano dos mexicas impulsionou-os a se aliarem com os acolhuas de Texcoco e com os tepanecas de Tlacopan formando, assim, a tríplice aliança que mudaria os rumos das histórias das cidades envolvidas, principalmente de Tenochtitlan, que iniciara aí a conquista de um poder muito desejado por todas as cidades da

²⁷ FLORESCANO, Enrique. **Mito y história en la memoria mexicana**. Discurso proferido em 18 de julho de 1989 na Academia Mexicana de História p. 31

²⁸ SANTOS, Eduardo Natalino dos. **Deuses do México indígena: estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas**. São Paulo: Palas Athena, 2002. p. 75

²⁹ Ibidem 75

³⁰ FLORESCANO, Enrique. **Mito y história en la memoria mexicana**. Discurso proferido em 18 de julho de 1989 na Academia Mexicana de História p. 33

Mesoamérica, poder para o qual os astecas já se preparavam para receber através de uma mudança em sua organização política e hierarquização social interna.

“Entre o período de migração e estabelecimento na Meso-América até a fundação de Tenochtitlán e a formação da “Tríplice Aliança”, a organização social dos Astecas transformou-se de uma estrutura simples e igualitária, em uma sociedade complexa, diferenciada e extremamente hierarquizada”³¹

Segundo Cardoso³², até a segunda metade do século XV, Tenochtitlan já havia adquirido a supremacia da Tríplice Aliança (Tenochtitlan, Texcoco e Tlacopan), tomando e assimilando para si as cidades vizinhas. Os mexicas passaram a dominar as rotas de comércio e a formar uma rede de dominação que se estendeu de costa a costa da Mesoamérica, onde dominou e tributou a maioria dos povos da região e adquiriu para si novas práticas culturais.

“Nesse processo de expansão, os mexicas absorveram parte da cultura mesoamericana, como haviam feito os toltecas, de quem os mexicas se consideravam sucessores. Os toltecas foram os primeiros nahuas que adentraram a região e fundaram um poderoso reino em meio a antigos povos: identificar-se aos toltecas era identificar-se a uma bem-sucedida história.”³³

Para Eduardo Natalino dos Santos³⁴, com o intuito de legitimar a grandiosidade que possuíam, os astecas criaram um novo capítulo para a história da criação dos sóis e da humanidade, disseminando que a quinta idade, na qual viviam, deveria ser mantida através do sacrifício humano que poderia ser de cativos capturados através das guerras floridas, ou seja, a quinta era só seria mantida caso o sangue humano começasse a ser ofertado de forma ritualística e frequente aos deuses, desta maneira, para tal função os astecas se consideravam os escolhidos pelos próprios deuses.

³¹ FERREIRA, Jorge Luiz. Os Astecas: o povo eleito do sol. In: _____. **Incas e Astecas: Culturas pré-colombianas**. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1991. p.12

³² CARDOSO, Ciro Flamarion. Poder político e religião nas altas culturas pré-colombianas: astecas, maias e incas. In: VAIFAS, Ronaldo. (org). **A América em tempo de conquista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992. p. 17

³³ SANTOS, Eduardo Natalino dos. **Deuses do México indígena: estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas**. São Paulo: Palas Athena, 2002. p. 76

³⁴ SANTOS, Eduardo Natalino dos. **Deuses do México indígena: estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas**. São Paulo: Palas Athena, 2002. p. 76

Mas antes de nos atermos aos deuses e às práticas religiosas, faz-se necessário a compreensão da organização social asteca. Segundo Ferreira³⁵, a unidade social básica dos astecas eram os *Altépetl* e os *Calpulli*. Por *Altépetl* entendem-se as comunidades aldeãs que detinham a propriedade coletiva da terra que habitavam, ou seja, eram os *Altépetl* que formavam o conjunto de comunidades dominadas pelos mexicas e eram à base da tributação asteca. Já os *Calpulli* eram as comunidades que constituíam os bairros de Tenochtitlan.

De acordo com Ferreira³⁶ uma das obrigações dos que residiam nos *Altéptl* era o pagamento do tributo ao estado que se dava na forma de mão de obra, trabalhando na construção e conservação de pontes e estradas e o pagamento em espécie.

Para Ferreira³⁷, tal relação de tributação entre os aldeões e o governo era o que possibilitava a prática da redistribuição e reciprocidade. Com o pagamento da tributação em espécie para o Estado era possível ao governo acumular, em suas estruturas, excedentes alimentares para que no tempo de dificuldades de plantio, seja por fator climático, desorganização na produção ou por influências diretas das guerras, o governo redistribuísse esses alimentos às aldeias necessitadas, assim nenhuma comunidade passava por necessidades de alimentos ou roupas, pois, de certa forma, eram subsidiadas pelo governo.

Tal atividade do Estado garantia a sua legitimidade e a necessidade de sua existência, além de garantir a soberania asteca através da continuidade da tributação que era justificada a cada redistribuição realizada.

“Com a ‘reciprocidade’, as obrigações mútuas entre o Estado e as comunidades traziam um sentimento de troca igualitária, que justificavam o tributo pago pelas comunidades (...) se o aldeão tinha sua subsistência e segurança social garantidas, o Estado tinha, por sua vez, a arrecadação de um considerável excedente econômico.”³⁸

Baseado na forte tradição militar os astecas se organizavam socialmente a partir da sua posição política. No alto da hierarquia estava o *Tlatoani*, que possuía o comando da cidade e das tropas guerreiras. Sua escolha se dava

³⁵ FERREIRA, Jorge Luiz. Os Astecas: o povo eleito do sol. In: _____. **Incas e Astecas: Culturas pré-colombianas**. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1991. p.12

³⁶ *Ibidem*, p.14

³⁷ *Ibidem*, p.14

³⁸ *Ibidem*, p.14

através de um conselho formado por quatro membros dos vinte Calpullis de Tenochtitlan e após a escolha do nome este era confirmado pela alta hierarquia sacerdotal. Assim, o Tlatoani aparecia ao povo como o escolhido pelo deus Tezcatlipoca, o que afirmava a responsabilidade que tinha primeiro com os deuses e depois com o povo.

Abaixo do Tlatoani estavam os guerreiros de alta graduação e os funcionários estatais que formavam uma nobreza. Segundo Ferreira³⁹, na América o status de nobreza era obtido pelas prerrogativas e privilégios de suas funções no governo Asteca e não pela linhagem de sangue como nos casos europeus e na terceira camada estaria o setor sacerdotal que estava aberto somente para a classe dominante.

Na sequência desta classe dominante estavam os comerciantes conhecidos como Pochtecas, os escravos e os artífices. Os Pochtecas eram comerciantes que, organizados em corporações, dominavam a circulação de mercadorias. Sua principal função era a de ser o elo entre Tenochtitlan e as aldeias periféricas, levando produtos manufaturados e trazendo a matéria prima das províncias, além de exercerem uma função paralela de espionagem, a serviço da administração do Estado, fornecendo-lhe informações sobre as comunidades já conquistadas e daquelas que o seriam num futuro próximo.

Os tlacotli, ou escravos, geralmente eram obtidos de quatro maneiras, caindo prisioneiro de guerra, como tributo que algumas comunidades pagavam ao Estado como castigo por algum problema causado, como castigo para certos crimes e através da escravidão voluntária. Seu trabalho poderia ser no campo ou na cidade, mas eram sempre bem alojados, vestidos e alimentados e poderiam acumular bens e até mesmo outros escravos. Poderiam casar com mulheres livres sem que seus filhos herdassem a escravidão e caso sua atividade fosse a de comandar a casa de um grande senhor, poderia até mandar nos homens livres.

Por fim, a última camada era constituída pelos artífices. Ferreira aponta que “Apesar de morarem em bairros próprios em Tenochtitlán, não faziam parte da etnia asteca, mas eram herdeiros da antiga tradição tolteca (...).”⁴⁰ Os artífices organizavam a sua produção manufatureira em oficinas familiares e

³⁹ Ibidem, p.16

⁴⁰ Ibidem, p.25

possuíam um estatuto social próprio que não ambicionava riqueza ou prestígio social.

Conforme dito anteriormente, na medida em que os astecas iam dominando outros povos também iam apropriando para si novas características culturais, dentre essas apropriações estão as dos deuses cultuados pelos povos conquistados. Assim, o panteão Asteca às vésperas da conquista, contava com uma multiplicidade de deuses capazes de revelar os modos de pensar e agir dos mexicas, tornando-se uma de suas maiores riquezas.

Muitas sociedades buscaram explicar através da mitologia o surgimento do universo. O mesmo aconteceu na Mesoamérica com os astecas que, por diversas vezes, criaram e recriaram os mitos de criação dos sois e do homem, resignificando de tempos em tempos a participação dos deuses nesses acontecimentos.

Para os mexicas, cada acontecimento histórico estava intimamente ligado a um deus específico, fosse este acontecimento favorável ou não ao povo. As deidades do panteão asteca são também passíveis de emoções humanas, sentem alegria, raiva, inveja e/ou apego uns pelos outros e também pelos homens, como é possível ver na seguinte versão do relato da criação dos Sois, em que, por ciúmes, Tezcatlipoca destrói o sol criado por Quetzalcoatl.

Quando o Sol ainda não brilhava os quatro deuses mais poderosos, Tlaloc, deus da chuva, Xipe Totec, deus do fogo, Quetzalcoatl, deus do Oriente e Tezcatlipoca, deus das guerras e da discórdia, se reunirão para criar um sol. Após muitas discussões e sem nenhum acordo sobre qual cor teria o sol, decidiram que cada um o faria sozinho e segundo sua experiência. O primeiro foi o azul Tlaloc, o deus da chuva, que tirou o seu sol das águas. Entretanto a chuva começou a cair e o sol se afogou nas suas águas. Na sequência apresentou-se o vermelho Xipe Totec, o deus do fogo, mas o mundo, sob os raios chamejantes, começou a arder numa chama imensa e o próprio sol se consumiu nela.

Surgiram novamente as trevas até que Quetzalcoatl, o deus do Oriente, criasse o seu sol. Desta vez não fez calor demais, nem choveu muito. Mas pouco tempo depois o vento começou a soprar, no início de leve, mas depois se transformou num redemoinho que varreu da terra suas criaturas e o Sol. Entretanto, o responsável por esta catástrofe foi Tezcatlipoca, o deus do setentrão, que por

desrespeito e maldade expulsara o sol de Quetzalcoatl para impor o seu, o negro sol dos Jaguares.⁴¹

Na cultura asteca, cada deus possuía o seu lugar específico e o seu papel a desempenhar na sociedade. Havia deuses para justificar cada uma das práticas humanas, do nascimento a morte, assim como os elementos da natureza. Dentre o panteão asteca temos Vitzilopuchtli, que era considerado deus da guerra, Xiutecutli, deus do fogo, Tlaloc, deus das chuvas, Tezcatlipoca, deus das guerras e das discórdias, Xipe Totec, deus do fogo e Quetzalcoatl, que de acordo com Henrique Florescano, seria um dos poucos deuses mesoamericanos que, através das diversas narrativas existentes, circularam por todas as categorias de deuses.

“(…) Quetzalcoatl es uno de los pocos dioses mesoamericanos que invade todas esas categorías: es uno de los dioses creadores, tanto en panteón maya como en el mixteco y el nahua. En sus advocaciones de Ehécatli (dios del viento), Tlahuizcalpantecuhtli (estrella de la mañana o dios de la aurora) y Estrella Vespertina, es una de las deidades celestes más importante. Entre los mayas clásicos es un dios del inframundo, y asimismo está íntimamente asociado con los dioses de la lluvia y del agua. En sus advocaciones de Xilonen (diosa del maíz tierno), Chicomecóatl (Siete Serpiente, diosa del maíz) y Centeótl (dios de la mazorca madura), es el dios nahua del maíz y de la vegetación. En la época Clásica es un dios de la muerte y la resurrección. En fin, es el ancestro deificado por antonomasia, el primer padre de los mayas clásicos y el ancestro tutelar de los toltecas, el divino Ce Ácatl Topiltzin Quetzalcóatl, fundador de la dinastía tolteca.”⁴²

Como se observa na escrita de Florescano, Quetzalcoatl não foi um deus presente somente em todas as classificações das deidades, mas foi também um deus de tamanha importância para a Mesoamérica que a sua figura perpassou por todas as grandes culturas mesoamericanas, tendo sua história, seu poder divino

⁴¹ Resumo do mito encontrado em: **CONTOS da América o Sul**. Tradução de: Thereza Christina F. Stumer. São Paulo: Paulus, 1995.

⁴² FLORESCANO, Enrique. Hacia una nueva interpretación del mito de Quetzalcóatl. In: _____. **El mito de Quetzalcóatl**. 2ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1999. “(…) Quetzalcoatl é um dos poucos deuses mesoamericanos que encontra-se em todas essas categorias: é um dos deuses criadores, tanto no panteão maia como no mixteco e no nahua. Em suas invocações de Ehécatli (deus do vento), Tlahuizcalpantecuhtli (estrela da manhã ou deus da aurora) e Estrela Vespertina, é uma das divindades celestes mais importantes. Entre os maias clássicos é um deus do infra-mundo, e assim mesmo está intimamente associado aos deuses da chuva e da água. Em suas invocações de Xilonen (deusa do milho novo), Chicomecóatl (Sete Serpentes, deusa do milho) y Centeótl (deus das espigas maduras), é o deus nahua do milho e da vegetação. Na época Clássica é um deus da morte e da ressurreição. Enfim, é um ancestral deificado por antonomásia, o primeiro pai dos maias clássicos e o ancestral governante dos toltecas, o divino Ce Ácatl Topiltzin Quetzalcóatl, fundador da dinastia tolteca.”

e seu culto resignificados a cada civilização que o cultuava. Quetzalcoatl estava associado às forças germinadoras da terra e destruidoras do céu, representadas através da serpente emplumada, ao poder civilizador do rei e sacerdote de Tulla, ao poder dos ventos, na figura de Ce-Ácatl, de ser a estrela da manhã, o deus criador dentre diversas outras designações existentes.

Uma das principais formas de culto a esses deuses era a prática do sacrifício humano, o que levou muitas vezes homens e mulheres de várias épocas históricas a um julgamento prévio dos astecas como bárbaros. Para a compreensão de tal prática, faz-se necessário despir-se das ideologias e das práticas humanas com as quais vivemos para não incorreremos no mesmo erro de vê-los como assassinos, ou algo parecido, o sacrifício possuía a importância da manutenção da era atual, prolongando assim o fim do mundo que era uma ameaça constante para eles. Portanto com o sacrifício buscavam restaurar a energia do Sol, garantindo a sua vitória sobre as potências noturnas, e assim acontecesse o seu ressurgimento diário. Segundo Ferreira:

“O sacrifício era um dever sagrado para com o sol, com os deuses e com o próprio universo. Lembremos que aquilo que entendemos por crueldade é algo historicamente determinado. Os europeus à época da conquista massacraram, mutilaram, e torturaram com a consciência tranqüila em nome da divindade cristã. O sacrifício asteca, a nível das mentalidades, não se circunscrevia nem como crueldade, nem como ódio, e sim como resposta a instabilidade de um mundo constantemente ameaçado de destruição. O sacrificado não era o inimigo, mas sim o emissário que se enviava ao Sol para a continuação de seu movimento e, conseqüentemente, do próprio mundo.”⁴³

Embora as fontes nativas apresentem o sacrifício como algo honroso para o sacrificado, sabemos que há controvérsias quanto à aceitação do sacrifício, pois a grande maioria dos sacrificados não estavam dispostos a se “imolarem” em benefício dos outros. Esta indisposição para o sacrifício por parte do sacrificado fica perceptível quando fazemos uma análise mais profunda da sociedade, pois se os astecas necessitavam guerrear constantemente com outros grupos para conseguir suas vítimas, significa que a oferta voluntária para tal ato era algo incomum, contradizendo, assim, a imagem passada pelas fontes nativas.

⁴³ FERREIRA, Jorge Luiz. Os Astecas: o povo eleito do sol. In: _____. **Incas e Astecas: Culturas pré-colombianas**. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1991. p.33

De acordo com a maioria dos relatos que apresentam o sacrifício humano, a forma mais comum, a qual os sacerdotes dos deuses o realizavam, era através da retirada do coração, ainda pulsando, daqueles que eram levados para o local dos sacrifícios, dopados por alucinógenos preparados pelos sacerdotes.

Tal riqueza de detalhes sobre o panteão asteca e suas práticas ritualísticas e culturais, nos é acessível através dos diversos relatos existentes dos cronistas espanhóis como Bernardino de Sahagun, Diego Durán, José de Acosta, mas, principalmente, por meio dos escritos nativos como o Popol Vuh, Códice Ramirez, Códice vaticano A e B, os Anales de Cuauhtitlan e Leyenda de los soles, dentre outros. Tais fontes, quando submetidas a uma leitura etnográfica, nos permitem analisar as sociedades americanas contribuindo para um conhecimento maior destas culturas, conhecimento que ainda hoje se apresenta de forma fragmentada e incompleta, com diversas lacunas no espaço e no tempo. Entretanto, ao entrar em contato com tais fontes, faz-se necessário ter sempre em mente a diversidade dos grupos mesoamericanos e sua complexa rede de relações que, certamente, nos explicam a forma depreciativa com as quais algumas deidades são narradas.

3 AS REPRESENTAÇÕES DE QUETZALCOATL NA OBRA *HISTORIA GENERAL DE LAS COSAS DE NUEVA ESPAÑA*

Para manter a organização social e a manutenção do cosmos, ou seja, para que chovesse no tempo certo, tivessem boa colheita, não houvesse propagação de pragas e para que o sol nascesse dentre outras simbologias, os astecas cultuavam um grande número de deuses, cada um com o seu papel específico no sustento da “vida”. Dentre esta grande variedade de deuses do panteão asteca, uma das figuras que se destaca é Quetzalcoatl, como nos afirma Lafaye:

“Siendo Quetzalcóatl y su culto uno de los aspectos más importantes de las antiguas creencias paganas de México, no es sorprendente que Sahagún se haya encontrado en muchas ocasiones con esta divinidad y con su leyenda.”⁴⁴

Quetzalcoatl é um dos nomes mais citados nas fontes nativas e nas narrativas espanholas, pois segundo a tradição indígena, tal importância advém da sua participação nos acontecimentos cosmogônicos que originaram os diversos sois, além do papel central exercido por ele na criação da era “atual” na qual os Astecas viviam e detinham a soberania política no território Mesoamericano⁴⁵

⁴⁴ LAFAYE, Jacques. **Quetzalcóatl y Guardalupe**: La formación de la conciencia nacional em México. Tradução de Ida Vitale e Fulgencio López Vidarte. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. 516p. Tradução de: Quetzalcóatl et Guardalupe. La formation de la conscience nationale au Mexique. P. 216. “Sendo Quetzalcoatl e seu culto um dos aspectos mais importantes das antigas crenças pagãs do México, não é surpreendente que Sahagun tenha se encontrado em muitas ocasiões com esta divindade e com sua lenda” (tradução nossa)

⁴⁵ Para uma maior compreensão da criação cosmogônica do universo e a importância de Quetzalcoatl na era atual segue, na íntegra, a narrativa da criação dos Sóis, anteriormente resumida (capítulo 2), acrescida do relato de criação dos homens, ambos extraídos do livro: **CONTOS da América o Sul**. Tradução de: Thereza Christina F. Stumer. São Paulo: Paulus, 1995

Tendo em vista que Bernardino de Sahagun, por sua formação cristã, não concebe outra forma de criação que não seja a criação feita pelo deus cristão que se encontra narrada no livro de Genesis, capítulos 1 e 2. Por este motivo esta pesquisa se valerá neste momento de outros recursos para trazer ao conhecimento uma das versões disponíveis sobre esta passagem de extrema importância para a compreensão da grandiosidade do papel exercido por Quetzalcoatl na cultura ameríndia.

“No tempo em que o nosso sol ainda não brilhava na terra, os quatro deuses mais poderosos que reinavam então no mundo se reuniram para criar um sol.

Discutiram muito tempo mas não conseguiram decidir de que cor ele seria. Será azul, vermelho ou negro? Nenhum deles sabia com certeza, e por isso decidiram que cada um faria sozinho a sua experiência.

O primeiro foi o azul Tlaloc, o deus da chuva, que se encontrava ao sul dos céus. Ele tirou o seu sol das águas. Era um sol azul e eis o que aconteceu: a chuva começou a cair, e caía, e caía, caía... o mundo inteiro estava bem azul e entretanto não parava de chover. Alguns momentos mais tarde, havia tanta água que o sol se afogou nela, e somente os peixes sobreviveram àquele terrível dilúvio.

Sua importância também se deu pelo fato de ser Quetzalcoatl, segundo a historiografia existente sobre o México antigo, o personagem principal na organização social asteca, pois era ele que garantia aos mexicas, com a sua promessa de retorno, uma soberania advinda da construção de uma descendência “tolteca” nesta linhagem mexicana.

“(…) Quetzalcóatl llegó a ser en la víspera de la conquista española el dios de la clase dirigente y la garantía “tolteca” de la dinastía azteca; (...) de los toltecas que no pudieron seguir a Quetzalcóatl en su exilio.”⁴⁶

A seguir, apresentou-se Xipe Totec, o deus do fogo, que está a oeste dos céus. Ele tinha visto o que acontecera com a primeira experiência, e esperava que o seu sol – o sol vermelho do fogo – fosse brilhar por muito mais tempo.

Mas Xipe Totec também cometeu um erro. O mundo, sob aqueles raios flamejantes, começou a arder numa chama imensa, e a chama subiu, cada vez mais, e o próprio sol se consumiu nela. Desta vez, somente os pássaros que tinham conseguido voar a tempo sobreviveram.

E as trevas voltaram até que o branco Quetzalcoatl, o deus do oriente, criasse o seu sol. E desta vez, tudo deu muito certo: não fez calor demais, nem choveu. Contudo, poucos minutos depois, o vento começou a soprar. No início, soprou de leve, depois se transformou num redemoinho, que varreu da terra todas as criaturas vivas e o próprio sol foi expulso não se sabe para onde.

Para dizer a verdade, o responsável por aquela catástrofe não era Quetzalcoatl, e sim Tezcatlipoca, o deus do setentrião, o qual por desrespeito e maldade expulsara o sol de Quetzalcoatl para impor o seu, o negro sol dos Jaguares.

E quando os seus raios negros invadiram a terra, apareceu no mundo uma multidão de jaguares. [...] os jaguares atacaram o sol negro e, com seus dentes e garras, o fizeram em pedaços.

Mais uma vez as trevas voltaram, e os deuses se puseram a pensar no que seria melhor fazer.”

Depois de um tempo de trevas o quinto fora criado (era atual), então os deuses resolveram criar os homens para que eles fossem conhecidos e reconhecidos pelas grandes obras que faziam.

“E aconteceu conforme eles disseram.

Tlaloc, o deus azul, modelou às pressas um homem com argila, porque queria ser o primeiro. [...] o homem de argila nem sequer era capaz de ficar em pé e, na primeira poça que em controu, a água o fez derreter; dele restou somente um montinho de lama suja.”

Xipe Totec “pegou uma faca de obsidiana, cortou alguns galhos e com eles fez fantoches [...]. Os deuses lhes deram vida. Mas quando passaram a viver, os homens de madeira continuaram a se comportar como fantoches. [...] Aquela gente não agradou nem um pouco aos deuses, e por isso teve um fim lamentável. Um belo dia os animais, as panelas, os bastões e as pedras os atacaram. Fizeram uma grande fogueira e jogaram nela de uma vez todos os homens de madeira, para que se consumissem como os galhos comuns do quais Xipe Totec os fizera.

Tezcatlipoca modelou homens de ouro. Não fez muitos, mas eles resplandeciam tanto que ofuscavam os olhos. Eram no entanto tão belos que todo mundo os servia e todo mundo os temia, e eles se apossavam ser vergonha de tudo aquilo que desejavam. [...] mas Quetzalcoatl, o deus branco, declarou: [...] Homens de verdade merecem a vida se foram capazes de se sustentarem. E eu desejo criar seres assim!

Ele fez uma massa de milho branco e de milho amarelo e deu um leve corte, para misturar a ela um pouco de seu sangue. Em seguida moldou cuidadosamente o tronco, a cabeça e os membros. O homem estava terminado. Quetzalcoatl lhes insuflou a vida, e a aurora surgiu. A partir daquele instante é que em nosso mundo existem os índios, o povo nascido do sangue de Quetzalcoatl. Eles caçavam, cultivavam suas lavouras e quando tinham necessidade de um conselho se dirigiam ao seu benfeitor criador.”

⁴⁶ LAFAYE, Jacques. **Quetzalcóatl y Guadalupe: La formación de la conciencia nacional em México.** Tradução de Ida Vitale e Fulgencio López Vidarte. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. 516p. Tradução de: Quetzalcóatl et Guadalupe. La formation de la conscience nationale au Mexique. P. 217. “(...) Quetzalcoatl chegou a ser na véspera da conquista espanhola o deus da classe dirigente e a garantia “tolteca” da dinastia asteca; (...) dos toltecas que não puderam seguir a Quetzalcoatl em seu exílio.” (tradução nossa)

Sobre este deus seria possível elencar inúmeras representações como, por exemplo, a serpente emplumada, o deus civilizador, o deus das chuvas, a estrela do amanhã, o rei e sacerdote de Tulla, o deus dos ventos, o deus criador dentre diversas outras existentes. Neste capítulo, como já proposto como tema desta pesquisa, trataremos somente das representações apresentadas no tomo I da obra *Historia General de las cosas de Nueva España* de Bernardino de Sahagun.

Uma primeira questão que deve ser ressaltada sobre a abordagem de Sahagun sobre Quetzalcoatl é que este personagem é uma das figuras mais complexas na análise do autor, pois os astecas possuíam não somente o deus com esta denominação, mas tinham também um grande rei e um sacerdote. Tal variedade de papéis é tratada de forma confusa pelo cronista, que concebe em alguns momentos somente um personagem que ora é descrito como deus e ora como homem e em outros momentos os analisa de forma distinta.

Uma primeira referência a Quetzalcoatl na obra de Sahagun é quando o franciscano apresenta-o como o deus dos ventos que varre o caminho para que os deuses das chuvas fizessem chover. Segundo o autor, as festas e sacrifícios com que honravam a este Deus ocorriam de forma móvel no calendário Asteca, ou seja, as datas das festas variavam caindo em dias diferentes de um ano para outro e para determinar em qual dia Quetzalcoatl seria festejado os indígenas se valiam das adivinhações e dos seus conhecimentos astronômicos.

Ainda pelo relato de Bernardino, sua festa ocorria sempre no *signo* chamado *Ceacatl*, conhecido como o signo de Quetzalcoatl. No primeiro dia faziam grande festa em homenagem a Quetzalcoatl, deus dos ventos. A festividade era comemorada na casa chamada Calmecac, local onde residiam os “Sátrapas”, denominação frequentemente utilizada pelo franciscano ao se referir os sacerdotes dos deuses, e os meninos que eram criados por eles.

Embora a tradição asteca e a historiografia mais recente nos revelem que o Calmecac era um tipo de escola onde os “Sátrapas” ensinavam aos filhos da nobreza asteca as práticas e costumes religiosos, além de formá-los para o exercício do trabalho nos setores do Estado, já que os seus funcionários eram todos escolhidos dentro dos Calmecac, para o franciscano, esta casa era uma espécie de monastério, e lá estava a imagem de Quetzalcoatl que era vestida com ricos

ornamentos e assim permaneciam durante as treze casas do seu signo. Sahagun descreve os ornamentos de Quetzalcoatl da seguinte forma:

“Los atavíos con que lo aderezaban eran los siguientes: una mitra en la cabeza, con un penacho de plumas, que llaman quetzalli: La mitra era manchada como cuero de tigre, la cara tenia teñida de negro y todo el cuerpo: tenia vestida una camisa como sobrepelliz labrada, y no le llegaba mas de hasta la cinta: tenía unas oregeras de turquezas, de labor mosayco: tenía un collar de oro, de que colgaban unos caracolitos mariscos preciosos. Llevaba acuestas por divisa de plumage, á manera de llamas de fuego; tenia mas, unas calzas desde la rodilla abajo de cuero de tigre, de las cuales colgaban unos caracolitos mariscos: tenia calzadas unas sandalias teñida de negro, revuelto con margagita: tenía en la mano izquierda una rodela, con una pintura con cinco ángulos, que llaman el Joel del viento. En la mano derecha tenía un cetro á manera de báculo de obispo: en lo alto era enroscado como báculo de obispo, muy labrado de pedrería; pero no era largo como el báculo, parecía por donde se tenía como empuñadera de espada.”⁴⁷

Acompanhando a descrição de Quetzalcoatl que vimos acima, Bernardino de Sahagun, inclui na versão original de sua obra *Historia General de las cosas de Nueva España*, tradicionalmente conhecido como Códice Florentino, a seguinte imagem pictográfica com as principais características desta deidade.

⁴⁷ SAHAGUN, Bernardino de. **Historia general de las cosas de Nueva España**. Mexico: 1829. p.4
 “Os adornos com que o preparavam eran os seguintes: uma mitra na cabeça, com um penacho de plumas, que chamam quetzalli: A mitra era manchada como couro de tigre, tinha a cara manchada de negro e todo o corpo: tinha vestido uma camisa como estilo de batina, e não lhe chegava até até a cinta: tinha brincos de turquesa, trabalhados em mosaico: tinha um colar de ouro, em que pendurava bonitos caracóis marinhos. Levava nas costas plumas divididas, na forma de chamas de fogo; Tinha também, uma calça vestida do joelho para baixo, feita com couro de tigre, das quais caíam alguns caracóis marinhos: tinha calçado umas sandálias tingidas de preto, misturadas com margagita: tinha em sua mão esquerda um escudo, com uma pintura com cinco ângulos, que chamam de Joel do vento. E na mão direita tinha um cetro na forma de um báculo de bispo: e no alto era enroscado como báculo do bispo, muito trabalhado de pedraria, porém não era longo como o báculo, parecia que se tinha como que uma espada empunhada.” (tradução nossa)

Figura 1 – Quetzalcoatl



Fonte: Biblioteca Mundial Digital
<http://www.wdl.org/pt/item/10612/zoom/#group=1&page=31&zoom=0.456653381634395¢erX=0.49999999999999994¢erY=0.7006979241231208> acesso em: 19 de Nov/2012.

Esta técnica de inserir desenhos no interior do texto foi muito utilizada por Sahagun, pois embora a descrição escrita de Quetzalcoatl, e dos demais deuses abordados em sua obra fosse bastante detalhada, uma descrição imagética contribuiria muito mais para a percepção de possíveis permanências pagãs.

Embora a obra de Sahagun tenha sido construída, como já mencionamos, a partir dos relatos de sábios e idosos nativos e seja considerada, até certo ponto, bastante fidedigna à realidade mesoamericana do pré-conquista, seria uma grande ingenuidade pensar que a sua obra não trouxesse nada do autor. Como nos diz Todorov “seria um equívoco imaginar que Sahagun nos oferece o relato

bruto dos índios”⁴⁸ pois para ele o discurso apresentado na obra *Historia General de las Cosas de Nueva España* é profundamente marcado pelo interlocutor. Todorov afirma que “[...] os informantes são responsáveis pela maior parte do texto espanhol, mas também, como veremos, Sahagun está presente, ainda que de modo menos discreto, no texto *nahuatl*.”⁴⁹

Tal afirmação de Todorov fica clara quando analisamos os ornamentos que o franciscano espanhol atribuiu a Quetzalcoatl, porque a comparação do cetro presente na mão direita da imagem com o báculo do bispo é algo que não seria possível no universo cultural indígena, visto que bispo e báculo são terminologias e discursos do universo cristão as quais os ameríndios não eram familiarizados no pré-conquista. Portanto, trazer elementos externos a cultura asteca para comparar e ilustrar objetos do culto a Quetzalcoatl constitui-se em uma incisão espanhola no discurso nativo de culto ao deus.

Durante o signo de Quetzalcoatl dizia-se que as seis primeiras casas eram mal afortunadas, porque eram do deus dos ventos. Segundo Sahagun⁵⁰, quando começava a reinar o signo de Ceacatl, diante da estátua de Quetzalcoatl eram feitas muitas oferendas de flores, varas de fumo, incenso, comida e bebida. Sobre os nascidos no signo de Ceacatl, Sahagun afirma:

“Decían que esta era el signo de Quetzalcoatl, y los que en él nacían, ora fuesen nobles, ora populares, siempre vivían desventurados, y todas sus cosas las llevaba el aire. De esta misma manera decían de las mujeres que nascían en este signo, y para remediar el mal de los que nascían en estos días, los adivinos que atendían en esta arte, mandaban que fuesen bautizados en la sétima casa de este signo[...].”⁵¹

Acreditava-se que a sétima casa era boa para o nascimento, além de ser um dia em que se remediavam todas as más profecias para a vida daqueles que haviam nascido em dias anteriores, tidos como maus, do signo de Quetzalcoatl. Assim, os batizados nesta casa, recobravam a sua fortuna e sua boa sorte. Portanto,

⁴⁸ TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: A questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 337

⁴⁹ Idem, p. 333

⁵⁰ SAHAGUN, Bernardino de. **Historia general de las cosas de Nueva España**. Mexico: 1829. p.297-298

⁵¹ Idem, “Diziam que este era o signo de Quetzalcoatl, e os que nele nasciam, fossem nobres ou pobres, sempre viviam na miséria, e todas as suas coisas eram levadas pelo ar. Da mesma maneira diziam das mulheres que nasciam neste signo, e para remediar o mal dos que nasciam nestes dias, os adivinhos que atendiam nesta arte, mandavam que fossem batizados na sétima casa deste signo (...).”(tradução nossa)

os que nasciam nesta casa, logo que nasciam, eram batizados para aproveitar as boas energias que eram atraídas pela sétima casa do signo de Quetzalcoatl. O mesmo acontecia com a oitava casa que também era bem vista pelos indígenas.

Aos que nasciam na décima casa, o franciscano aponta que “eran mal acondicionados y revoltosos, amigos de riñas, sembradores de discórdia y mentirosos, y que ningún secreto guardaban, y eran pobres y malaventurados, todos los días de su vida.”⁵² Já da décima casa até a décima terceira, que era a última casa, eram considerados bons dias em que todos os nascidos seriam honrados e ricos, além de serem reverenciados por todos, fossem homens ou mulheres.

Quando Bernardino de Sahagun escreve em sua obra que os nobres faziam muitos sacrifícios quando chegava o signo de Quetzalcoatl, fica perceptível que este era um deus cultuado por grande parte dos dirigentes astecas até a época da conquista sendo, por isso, um culto fácil de ser apropriado para que os espanhóis o utilizassem a seu favor na luta pela conversão asteca e na posterior catequização dos indígenas convertidos. Na Mesoamérica, a manutenção do culto a Quetzalcoatl entre a nobreza asteca se dava pelo fato de os nobres se considerarem os herdeiros diretos dos toltecas e do grande Rei Civilizador e Sacerdote de Tulla.

Como dito no capítulo anterior, a nobreza era assim considerada não pelas linhagens de sangue, mas pelas prerrogativas e privilégios das funções exercidas no Estado e, como os nativos escolhidos para ocupar tais funções eram selecionados nos Calmecac, local onde apenas os filhos dos dirigentes poderiam frequentar, somente a classe dirigente, com raras exceções, poderia se tornar nobre. Deste modo, os cristãos ao se apropriarem de um culto amplamente difundido dentre a nobreza indígena seria o mesmo que conquistarem culturalmente a classe dirigente das diversas tribos e, conseqüentemente, toda a civilização asteca.

A descrição de Quetzalcoatl como deus dos ventos começa de forma bem simplista, pois Sahagun estrutura o seu texto de maneira a encaixá-lo perfeitamente no questionário por ele elaborado para a coleta de informação junto aos indígenas. Infelizmente os questionários utilizados por Bernardino de Sahagun não foram preservados, mas podemos encontrar na obra de Todorov uma reconstrução, elaborada por pesquisadores atuais.

⁵² Idem, p. 298 “eram mal instalados e revoltosos, amigos dos briguentos, semeadores de discórdia e mentirosos, e que nenhum segredo guardavam, e eram pobres e desgraçados, todos os dias de sua vida.”

“Por exemplo, a descrição dos deuses astecas no livro I revela que todos os capítulos (e, portanto, todas as repostas) seguem uma ordem, que corresponde às seguintes questões: 1. Quais são os títulos, os atributos e as características desse deus? 2. Quais são seus poderes? 3. Quais são os ritos executados em sua honra? 4. Qual é a sua aparência?”⁵³

Diferentemente do início de cada livro, onde a narrativa é estática para que se encaixe perfeitamente ao questionário, nas partes finais de cada livro a escrita do autor se torna mais livre na proporção em que se desprende do questionário, ou seja, na medida em que a nossa leitura avança sobre o texto de Sahagun, fica perceptível uma melhor fluidez na transmissão das descrições e/ou informações obtidas através dos indígenas.

“Sahagun impõe portanto seu recorte conceitual ao saber asteca, e este parece-nos ser portador de uma organização que na realidade lhe é dada pelo questionário. É verdade que, no interior de cada livro, percebe-se uma transformação: o começo sempre segue uma ordem rígida, ao passo que a seqüência apresenta cada vez mais digressões e desvios a partir do esquema; Sahagun teve o bom senso de preservá-las, e a parte concedida à improvisação compensa, numa certa medida, o efeito do questionário.”⁵⁴

A segunda descrição de Quetzalcoatl, feita por Sahagun em *Historia General de las cosas de Nueva España*, é a de um necromante⁵⁵. O autor franciscano começou apresentando o senhor e sacerdote de Tulla a partir da descrição de seu templo e da riqueza de sua cidade, bem como a boa qualidade de vida que o rei possibilitava aos seus súditos através de sua riqueza e dos conhecimentos que a eles transmitia.

Nas informações obtidas pelo franciscano, através de suas entrevistas com os indígenas astecas a respeito da representação de Quetzalcoatl, este deus é sempre associado ao deus dos ventos, como já visto, e a este rei e sacerdote de Tulla, o que sempre coloca os astecas como descendentes diretos dos Toltecas e do seu passado glorioso para assim legitimarem, através de uma

⁵³ TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: A questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 341

⁵⁴ *Ibidem*. p. 342

⁵⁵ Necromante advém do termo necromancia que significa "morte" (necro) e "adivinhação (mancia), ou seja, consiste na adivinhação mediante a consulta aos mortos. Diante da quantidade excessiva de sacrifícios humanos, Sahagun acabou por associar os sacerdotes astecas, responsáveis pela prática do sacrifício para a manutenção da quinta era, com os sacerdotes do paganismo medieval que exerciam tais praticas nicromanticas. Assim Sahagun acaba transformando a "magia" asteca em necromancia e conseqüentemente, Quetzalcoatl enquanto sacerdote de Tulla, em nicromante.

ancestralidade “gloriosa” que não a possuem da maneira por eles idealizada, o status de grande civilização que adquiriram próximo ao período da conquista.

Sahagun apresenta-nos Quetzalcoatl como alguém estimado e tido por deus desde os tempos antigos de Tulla, cidade onde se localizaria um templo grandioso no qual ficava a sua estátua,

“(...) tenía un Cú muy alto con muchas gradas y muy angostas que no cabia un pie , y estaba siempre echada su estátua, y cubierta de mantas, y la cara que tenía era mui fea, y la cabeza era larga y barbudo.”⁵⁶

Percebe-se através de tal descrição de Quetzalcoatl, a associação feita pelos franciscanos deste deus com os espanhóis. Sobre esta semelhança com os espanhóis, Lafaye disse em sua obra que “la barba representada en casi todos los Quetzalcóatl, parecía convertirlo en un extranjero para los indios imberbes.”⁵⁷ Uma das possibilidades para tal assimilação pode ser pelo fato de este ser rei e Sahagun ter como modelo de grande rei, os espanhóis. Há também a possibilidade de tal identificação se dar para reforçar uma corrente de ideias que defendia uma evangelização prévia na América, empreendida por São Tomáz e anterior a conquista por Cortez.

Segundo Bernardino de Sahagun, todos os servos de Quetzalcoatl aprenderam com ele o ofício das artes mecânicas e eram hábeis para os trabalhos com as pedras preciosas e na fundição da prata, com a qual eram construídas suas casas. Ele descreve que:

“(...) tenía unas casas hechas de piedras verdes preciosas que se llaman chalchivites, y otras hechas de plata, otras hechas de concha colorada e blanca, otras hechas todas de tabhas, otras hechas de turquezas, y otras hechas de plumas ricas; (...).”⁵⁸

A generosidade do grande rei que divide seus conhecimentos sobre

⁵⁶ SAHAGÚN, Fray Bernardino. **Historia general de lãs cosas de Nueva Españã**, 1829. p.243 “(...) tinha um templo muito alto com muitos degraus e muito estreitos que não cabia um pé, e estava sempre fechada a sua estatua, e coberta com mantas, e a cara que tinha era muito feia, e a cabeça era larga e barbudo.” (tradução nossa)

⁵⁷ LAFAYE, Jacques. **Quetzalcóatl y Guadalupe: La formación de la conciencia nacional em México**. Tradução de Ida Vitale e Fulgencio López Vidarte. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. 516p. Tradução de: Quetzalcóatl et Guadalupe. La formation de la conscience nationale au Mexique. P. 232 “ a barba representada em quase todos os Quetzalcoatl, parecia converte-lo em um europeu, ou ao menos em um estrangeiro para os nativos imberbes”

⁵⁸ SAHAGÚN, Fray Bernardino. **Historia general de lãs cosas de Nueva Españã**, 1829. p.243 “(...) tinham umas casas feitas de pedras verdes preciosas que se chamam *chalchivites*, e outras feitas de prata, outras feitas de conchas coloridas e branca, outras feitas todas de taboas, outras feitas de turquesas, e outras feitas de plumas ricas; (...).”(tradução nossa)

os ofícios de trabalhar com as pedras e com as pratas, além de dividir com seus servos o seu próprio tesouro para a construção de suas residências, ou seja, um Senhor que pensa sempre no melhor para os seus servos, esta generosidade é uma característica predominante que percorre toda a descrição desta representação de Quetzalcoatl na obra de Sahagun.

De acordo com Florescano⁵⁹, os astecas descrevem o reino de Quetzalcóatl através de uma imagem grandiosa que o torna uma espécie de paraíso agrícola ou jardim da abundância, onde as plantações são abundantes e se desenvolvem plenamente e aves das mais diversas espécies ali se proliferavam com seus cantos harmoniosos e plumagens brilhantes.

“(…) tenía todo cuanto era menester y necesario de comer y beber, y que el maíz era abundantísimo, las calabazas muy gordas de una braza en redondo, y las mazorcas de maíz eran tan largas que se llevaban abrazadas, y las cañas de bledos eran muy largas, y gordas, y que subían por ellas como por árboles: y que sembraban y cogían algodón de todas colores, como decir colorado, encarnado, amarillo, morado, blanquesino, verde, azul, prieto, pardo, naranjado y leonado; estos colores de algodón eran naturales, que así se nascian.”⁶⁰

Sahagun continuou seu texto afirmando que Quetzalcoatl possuía toda a riqueza do mundo em ouro, prata e pedras verdes e muitas outras pedras preciosas e que os seus servos estavam muito ricos e nada lhes faltava, nem mesmo o milho, e as espigas pequenas serviam-lhes apenas para aquecer as águas do banho.

Sahagun também foi informado pelos indígenas sob as penitências que o rei de Tulla fazia:

“Tambien dicen que el dicho Quetzalcoatl hacia penitencia punzando sus piernas y sacando la sangre con que manchaba y ensangrentaba las puntas de magués, y se lavaba á la media noche en una fuente que se llama xicapoya, y esta costumbre y órden tomaron los sacerdotes y ministros de los ídolos mexicanos como el dicho Quetzalcoatl lo usaba, y hacia en el

⁵⁹ FLORESCANO, Enrique. **Mito y história en la memoria mexicana**. Discurso proferido em 18 de julio de 1989 na Academia Mexicana de História p. 11

⁶⁰ SAHAGÚN, Fray Bernardino. **Historia general de las cosas de Nueva España**, 1829. p.244 “(...) tinham tudo quanto era preciso e necessário para comer e beber, e que o milho era muito abundante, as aboboras eram muito grandes de um braço de volta, e as espigas de milho eram tão largas que as levavam abraçadas, e as canas de bledos eram muito largas e grandes, e que subiam por elas com por arvores: e que plantavam e colhiam algodão de todas as cores, quer dizer coral, vermelho, amarelo, roxo, branquíssimo, verde, azul, preto, castanho, alaranjado e marrom; estas cores de algodão eram naturais, e assim nasciam.” (tradução nossa)

pueblo de Tulla’⁶¹

Sobre as práticas da pulsação, descritas acima, Sahagun elaborou, a partir do relatos, uma imagem de Quetzalcoatl no lago fazendo o sangramento de suas pernas, como se vê na próxima figura, extraída de uma cópia do Códice Florentino de Sahagun. Aqui, mais uma vez, Sahagun utilizou o recurso imagético como meio para que os missionários evangelizadores identificassem os resquícios da antiga tradição através da visualização das características contidas nas descrições da aparência do rei e sacerdote de Tulla, como o báculo, as vestimentas e as penas de Quetzal com uma mitra na cabeça.

Figura 2 – Quetzalcoatl fazendo a pulsação.



Fonte: Biblioteca Mundial Digital <http://www.wdl.org/pt/item/10614/zoom/#group=1&page=21&zoom=0.4688457945180538¢erX=0.49999999999999994¢erY=0.6824761580381471>. Acesso em: 19 de Nov/2012

⁶¹ Ibidem p.244 “Tambem dizem que o dito Quetzalcoatl fazia penitencia furando suas pernas e retirando-lhe o sangue com o qual manchava e ensangüentava a ponta da piteira, e se lavava a meia noite em uma fonte que se chamava *xicapoya*, e este costume ordenado assumiram os sacerdotes e ministros dos ídolos mexicanos como o próprio Quetzalcoatl o usava, e faziam no povo de Tulla.” (tradução nossa)

Portanto, é notável a importância que esta prática atingiu e o quanto se tornou comum e se expandiu para todos os nativos da cidade, ao ponto de Sahagun dedicar-se tanto tempo em desenhar tal costume, tendo em vista que sua obra, como já visto, tinha o principal intuito de iluminar as práticas antigas para que fossem combatidas pelos “soldados de Cristo”.

A representação cristã de Quetzalcoatl na obra sahogutiana nos é possível, não pela construção de um “personagem”, como pudemos ver nas apresentações astecas, mas sim através da tentativa de desconstrução da representação deste deus criada por alguns missionários que, como metodologia de evangelização, associaram esta deidade a São Tomás, alegando assim uma evangelização prévia nas terras recém conquistadas.

“Quetzalcóatl pronto presentó los rasgos de un apóstol de Cristo o de un evangelizador español, y se convirtió como consecuencia en el personaje más importante y más interesante del antiguo México a los ojos de los españoles y en particular de los misioneros.”⁶²

Embora sahogun não assuma como válida a concepção de uma evangelização prévia na América, suas negativas e explicações sobre tal assunto, bem como os comentários que faz a respeito das obras de seus irmãos missionários, possibilitam estabelecer uma compreensão e uma representação de Quetzalcoatl com maior aceitação no meio cristão no momento da produção da obra de Sahagun. Segundo Jacques Lafaye,

“Sahagún no establece ninguna relación entre la profecía de Quetzalcóatl y la preevangelización de México. Quetzalcóatl, a sus ojos es un gran brujo indígena, de ningún modo un precursor de los misioneros.”⁶³

Para empreender uma análise sobre esta representação de Quetzalcoatl, enquanto um apóstolo de Cristo, o autor buscou suas informações nas obras de Bernal Díaz Castillo, Diego Durán, Juan de Tovar, Juan de Torquemada

⁶² LAFAYE, Jacques. **Quetzalcóatl y Guardalupe**: La formación de la conciencia nacional em México. Tradução de Ida Vitale e Fulgencio López Vidarte. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. 516p. Tradução de: Quetzalcóatl et Guardalupe. La formation de la conscience nationale au Mexique. P. 234. “Quetzalcoatl logo apresentou os traços de apóstolo de cristo ou de um evangelizador espanhol, e se converteu como consequência no personagem mais importante e mais interessante do antigo México aos olhos dos espanhóis e em particular dos missionários.” (tradução nossa)

⁶³ Ibidem, P. 232. “Sahagun não estabelece nenhuma relação entre a profecia de Quetzalcoatl e a pré-evangelização no México. Quetzalcoatl, a seus olhos é um grande bruxo indígena, de nenhum modo um precursor dos missionários.” (tradução nossa)

dentre outros grandes autores.

Sahagun disse que nenhum dos missionários que tem escrito sobre a presença do apóstolo Tomas na América tem apontado de forma clara os vestígios do cristianismo encontrados nas tribos selvagens, estes apenas o tem descrito como um homem venerável, cujas práticas religiosas podem se associar ao cristianismo, caso comparado, de forma atemporal as práticas de Quetzalcoatl com o surgimento dessas práticas na Europa. Sobre o suposto apóstolo dizem ser:

“(...) un hombre venerable, barbado, blanco, pelo y barba larga, con un báculo, predicó en toda América una ley santa, y el ayuno de 40 dias, y levantó cruces que los Indios adoraban, y les anunció que vendrían del oriente hombres de su misma religión á enseñarlos y dominarlos; (...)”⁶⁴

Em outro trecho da obra sahogutiana, lê-se mais uma descrição de Quetzalcoatl elaborada, segundo ele, pelos seus irmãos missionários:

“Este fué gran Sacerdote de Tula, y desde allí envió sus discípulos á predicar en huaxyacac y otras provincias una nueva y santa ley. El derribaba los ídolos, prohibía los sacrificios que no fuesen de pan, flores é inciensos, aborrecía las guerras, enseñaba la penitencia, el ayuno de 40 ó 70 dias (...)”⁶⁵

Segundo Lafaye⁶⁶, a complicada simbologia religiosa dos astecas era impenetrável para os primeiros espanhóis, pois tal simbologia fugia do contexto socio-religioso ao qual estavam adaptados na Espanha, assim inclinados pela forte tradição judaico-cristão impregnada em sua consciência pelos anos de estudo e de vida religiosa, os missionários deram primordial atenção ao símbolo da cruz, atribuindo assim, em suas análises, uma significância exagerada e errônea para tais características e objetos da cultura asteca, como no caso da cruz que para os astecas significava em Quetzalcoatl o deus dos quatro ventos (representação presente no

⁶⁴ SAHAGÚN, Fray Bernardino. **Historia general de las cosas de Nueva Españã**, 1829. “(...) um homem venerável, barbado, branco, pelos e barba grossa, com um báculo, pregou em toda a América uma lei santa, e o jejum de 40 dias, e levantou cruces que os índios adoravam, e lhes anunciou que viriam do oriente homens da sua mesma religião a ensina-los e dominá-los; (...)”(tradução nossa)

⁶⁵ Ibidem “Este foi o grande Sacerdote de Tula, e de lá enviou seus discípulos a pregar em huaxyacac e outras províncias uma nova e santa lei. Ele derrubava os ídolos, proibia os sacrifícios que não fossem de pão, flores ou incensos, lhe aborrecia as guerras, e ensinava a penitencia e o jejum de 40 ou 70 dias (...)”(tradução nossa)

⁶⁶ LAFAYE, Jacques. **Quetzalcóatl y Guadalupe: La formación de la conciencia nacional em México**. Tradução de Ida Vitale e Fulgencio López Vidarte. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. 516p. Tradução de: Quetzalcóatl et Guadalupe. La formation de la conscience nationale au Mexique. p. 231

segundo Tomo da obra de Sahagun).

Lafaye⁶⁷ continua dizendo que a multiplicidade de indícios que foram surgindo e que pareciam confirmar tal pré-evangelização, necessitavam de um apoio dos antigos heróis do México. Para tal, convoca-se a figura de Quetzalcoatl, pois na história que ouviam dos indígenas caberia muito bem a imagem de um missionário cristão que se sacrificou para evangelizar nas terras longínquas da América.

Segundo os principais autores analisados por Sahagun, Quetzalcoatl iniciou na Mesoamérica as mortificações, com os sangramentos que fazia em suas pernas, na cidade de Tulla, divulgou o jejum e a adoração da cruz, foi o anunciador de uma futura conquista, foi deposto e perseguido quando saiu de Tulla, após sofrer com os ataques de outros deuses do panteão asteca, além de prometer uma futura restauração do reino.

“Demasiados indicios coincidirán por sí mismos en torno de la figura de Quetzalcóatl como para que ella no se convirtiera en el centro de las hipótesis relativas a la preevangelizacion.”⁶⁸

Todas estas características são muito comuns para os europeus e no caso da análise desta pesquisa aos espanhóis, assim como a utilização fervorosa de tais práticas como forma de vivência da espiritualidade cristã, mas faz-se necessário, como alerta Sahagun, pensar na existência de tais práticas no meio cristão nos primeiros séculos depois de Cristo.

“Mas, Quetzalcóhuatl instituyó Monges en N. España, que según Acosta hacían los tres votos de pobreza, obediencia y castidad, ocupándose día y noche en la salmodia (...) y los monges no comenzaron hasta el siglo 4º a lo menos con esas formalidades. (...) Las cruces no comenzaron a ser objeto publico de veneracion sino después que en tiempo de Constantino dejaron de ser un instrumento de suplicio.”⁶⁹

E Sahagun continuou dizendo que se admirava como toda a mitologia mexicana passou a ser explicada a partir de uma experiência do

⁶⁷ Ibidem, p. 233

⁶⁸ Ibidem, p. 234. “Demasiados indícios coincidiram por si mesmos em torno da figura de Quetzalcoatl para que ela não se convertesse no centro das hipóteses relativas a pré-evangelização.” (tradução nossa)

⁶⁹ SAHAGÚN, Fray Bernardino. **Historia general de las cosas de Nueva España**, 1829. “Mas, Quetzalcohuatl instituiu monges na Nova Espanha, que segundo Acosta faziam os três votos de pobreza, obediência e castidade, ocupando-se dia e noite com as orações (...) e os monges não começaram em rezar (...) e os monges não existiam até o 4º século, ao menos com essas formalidades. (...) As cruces não começaram a ser objeto publico de veneração senão depois que no tempo de Constantino deixaram de ser um instrumento de suplicio” (tradução nossa)

cristianismo, ou seja, como se passou a “traduzir” Quetzalcoatl por São Tomás, pois como já vimos, a falta de embasamento histórico para tais afirmações é evidente. Portanto tal representação só poderia ser constituída pelos cristão via mito, utilizando-se da repetição desta história e contando também com a aceitação desta história por parte dos astecas, como os próprios mexicas já haviam feito para legitimar o seu passado.

Embora Sahagun busque negá-las, as principais características de Quetzalcoatl como São Tomás, apóstolo que se propagaram pela historiografia colonial, ficam claras através de sua obra *Historia General de las cosas de Nueva Españã* como um homem virtuoso, que ensinou aos indígenas as boas práticas cristãs da mortificação do corpo e da alma, através dos jejuns prolongados, que ensinou os bons costumes e a santa lei de Deus, introduzindo em sua cultura a adoração da cruz, da Virgem Maria e dos Santos.

Como nos diz Lafaye⁷⁰, Quetzalcoatl se tornou um personagem muito conhecido e também enigmático como que para trazer soluções e dúvidas sobre os impasses mesoamericanos que se colocavam para a conquista e para a conversão indígena. Segundo o autor, somente tomando-o como um ser metafísico poderemos, a partir de nossos olhos modernos, compreender a representação cristã de Quetzalcoatl criada para responder, ainda que de forma parcial, aos problemas multiformes e também espirituais da américa dos séculos XVI e XVII.

⁷⁰ LAFAYE, Jacques. **Quetzalcóatl y Guadalupe**: La formación de la conciencia nacional em México. Tradução de Ida Vitale e Fulgencio López Vidarte. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. 516p. Tradução de: Quetzalcóatl et Guadalupe. La formation de la conscience nationale au Mexique. P. 235

CONCLUSÃO

Na América pré-colombiana a combinação de um deus e um herói civilizador produziu um universo de representações e, dentre estas, destaca-se a figura de Quetzalcoatl que exerceu papel fundamental para os rumos na história da Mesoamérica e da civilização Asteca.

Ao longo da história o estudo das representações foi relegado a um plano secundário, pois além da imprecisão teórica que cercava estes temas, o imaginário era considerado como um erro, um fruto da falsidade, já que, na medida que essas representações eram construídas no plano do imaginário, acabam por ganhar novas ressignificações a cada vez que alguém se apropriava. Entretanto, com os avanços do campo historiográfico e das possibilidades de pesquisa do historiador, o estudo das representações tem se desenvolvido de forma surpreendente além de se legitimar enquanto campo de pesquisa.

Neste sentido, pode-se dizer que representação seria sempre uma referência acerca de um outro que se encontra ausente, portanto todas às vezes que se tenta reconstruir a história o mais próximo possível do real, pratica-se o exercício de reimaginar algo que já é imaginado, ou seja, a representação é nada mais que uma tentativa de atribuir um sentido ao mundo. Assim, analisar as representações sobre o passado não significa estudar o próprio passado, mas os significados que foram atribuídos a ele. O mesmo acontece com o discurso mítico e histórico, estudar a história via mito não significa compreendê-la tal qual ela foi, o que seria impossível, a partir de qualquer perspectiva, no campo historiográfico, mas sim entender os significados que foram sendo gradativamente atribuídos pela sucessiva ressignificação dos mitos existentes.

A obra de Bernardino de Sahagun, é marcada a todo momento por estas narrativas míticas, sendo perceptível, ainda que de forma implícita, a “guerra” das representações indígenas e europeias, não uma guerra simples, mas uma guerra da representação do mais forte, capaz de acabar com as raízes culturais do outro, contra aqueles que sofreram as imposições de representações exteriores a sua cultura.

Através desta pesquisa, fica evidente que, assim como o espanhol que chegou a América, o indígena e a sua comunidade também possuíam um

patrimônio de experiências, recursos, cultura e religião e toda esta “herança” indígena teve que ser assimilada também pelos conquistadores. Embora os cultos indígenas tenham sido proibidos, eles não deixaram de existir, motivo principal pelo qual a obra *Historia general de las cosas de Nueva España* de Bernardino de Sahagun continuou a ser produzida até ser completada, pois suas permanências eram tão presentes que resquícios destes cultos são encontrados, ainda hoje, nas tradições cristãs peculiares da América.

É possível também concluirmos que, embora os espanhóis tenham vencido militarmente as comunidades indígenas, garantindo e reivindicando para si o poder de colonizá-las, os vencedores tiveram de delimitar o seu poderio às fortes estruturas pré-existentes; como no caso da religiosidade Asteca, em que após diversas tentativas mal sucedidas de destruição dos cultos nativos, os cristãos assumiram uma nova postura metodológica de evangelização, trazendo para o seu campo religioso a figura de Quetzalcatl, revestindo-o de novas simbologias e significados para, assim, lançá-lo no contexto da Mesoamérica pré colombiana.

A força da influência nativa atingiu patamares tão altos na nova esfera política que então surgiu com a vinda dos espanhóis, que sua força perpetua-se até o tempo presente, sendo evidente que em muitos países, como a Bolívia e o Peru, a “questão indígena” é essencial para a compreensão adequada do presente e planejamento destes países para o futuro.

Assim, esta pesquisa buscou contribuir, através do viés religioso, para discussões de questões extremamente importantes na atualidade como a diversidade cultural, o multiculturalismo, os vários polos da aculturação (mestiçagens culturais, assimilação, integração, sincretismos, hibridismos, entre outros).

REFERÊNCIAS

ALVIN, Marcia Helena. Um franciscano no Novo Mundo: frei Bernardino de Sahagún e sua Historia General de las cosas de Nueva España. **Estudios Ibero-Americanos**, PUCRS, v. XXXI, n. 1 p. 54, Junho 2005. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/1325/1030>> . Acesso em: 14 out. 2011.

BORDIN, Reginaldo Aliçandro. Mito e Religião na sociedade Asteca. **Revista CESUMAR – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, CESUMAR, v. VIII, n. 1. p. 20-45, Janeiro 2003. Disponível em: <<http://www.cesumar.br/pesquisa/periodicos/index.php/revcesumar/article/viewFile/212/917>>. Acesso em 15 out. 2011.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Poder político e religião nas altas culturas pré-colombianas: astecas, maias e incas. In: VAIFAS, Ronaldo. (Org). **A América em tempo de conquista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

_____; VAIFAS, Ronaldo. História e análise de textos. In: _____ (Orgs.) **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CONTOS da América o Sul. Tradução de: Thereza Christina F. Stumer. São Paulo: Paulus, 1995.

FERREIRA, Jorge Luiz. Os Astecas: o povo eleito do sol. In: _____. **Incas e Astecas: Culturas pré-colombianas**. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1991. p.12

FLORESCANO, Enrique. **Mito y história en la memoria mexicana**. Discurso proferido em 18 de julho de 1989 na Academia Mexicana de História.

FLORESCANO, Enrique. Hacia una nueva interpretación del mito de Quetzalcóatl. In: _____. **El mito de Quetzalcóatl**. 2ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

GALVÁN, José Rubén Romero. Historia general de las cosas de Nueva España. **Arqueología Mexicana**, México, v. VI, n. 36, p. 8-13, Mar-Abr.1999.

LAFAYE, Jacques. **Quetzalcóatl y Guardalupe: La formación de la conciencia nacional em México**. Tradução de Ida Vitale e Fulgencio López Vidarte. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. 516p. Tradução de: Quetzalcóatl et Guardalupe. La formation de la conscience nationale au Mexique.

LAWRENCE, D.H. **A serpente emplumada (Quetzalcoatl)**. São Paulo: Circulo do Livro, 1982.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. Bernardino de Sahagún: Pionero de la antropología. **Arqueología Mexicana**, México, v. VI, n. 36, p. 8-13, Mar-Abr.1999.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. El Mundo en que vivió Bernardino de Sahagún: España y México. **Estudios de Cultura Náhuatl**, México, v. 28, p. 324, 1998. Disponível em: <<http://www.historicas.unam.mx/publicaciones/revistas/nahuatl/pdf/ecn28/ecn028.html>> . Acesso em: 20 jun. 2012.

NAVARRO, Alexandre Guida. Quetzalcóatl: Divindade Mesoamericana. **Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião**, Editora UFJF, v. XII, n. 1 e 2. p. 117-135. Disponível em: <<http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/numen/article/viewFile/1209/976>>. Acesso em 15 out. 2011.

SAHAGUN, Bernardino de. **Historia general de las cosas de Nueva España**. Mexico, 1829.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. **Deuses do México indígena**: estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas. São Paulo: Palas Athena, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**: A questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VAINFAS. Ronaldo. Espanha e América: Conflitos de culturas na situação colonial. In: _____. **Economia e sociedade na América espanhola**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.